



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Cristiane Vieira Ribeiro de Oliveira

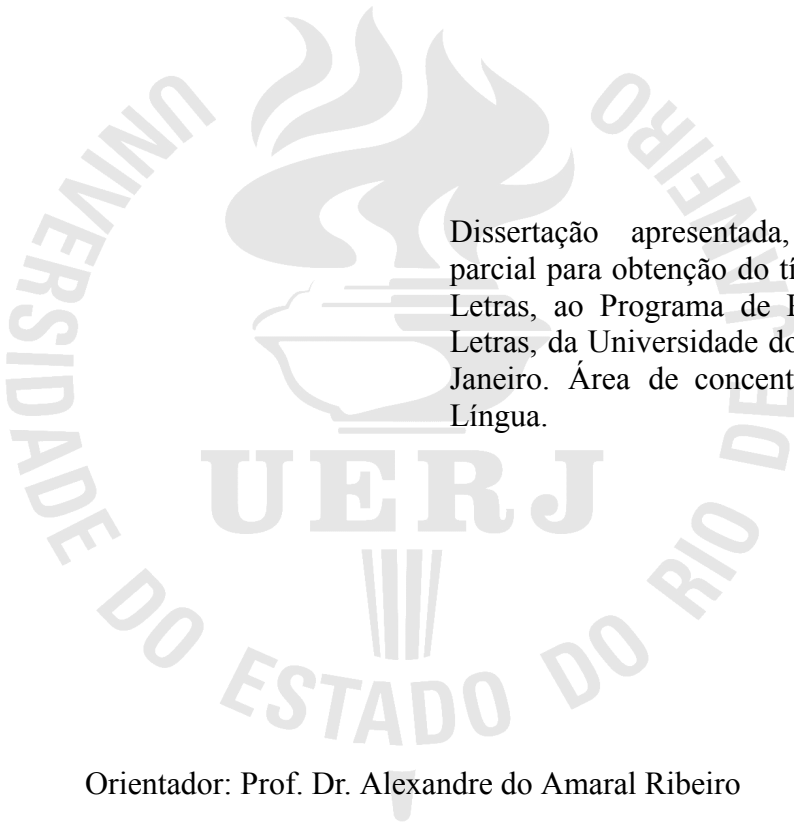
**Usos do aspecto verbal, em Português do Brasil, por falantes nativos de árabe:  
indicações para o ensino de Português como Segunda Língua**

Rio de Janeiro

2023

Cristiane Vieira Ribeiro de Oliveira

**Usos do aspecto verbal, em Português do Brasil, por falantes nativos de árabe: indicações  
para o ensino de Português como Segunda Língua**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre do Amaral Ribeiro

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

O48	<p>Oliveira, Cristiane Vieira Ribeiro. Usos do aspecto verbal, em português do Brasil, por falantes nativos de árabe: indicações para o ensino de português como segunda língua / Cristiane Vieira Ribeiro Oliveira. – 2023. 100 f.: il.</p> <p>Orientador: Alexandre do Amaral Ribeiro. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.</p> <p>1. Língua árabe - Teses. 2. Língua portuguesa - Brasil - Teses. 3. Aquisição da segunda língua - Teses. 4. Língua portuguesa -Estudo e ensino – Falantes estrangeiros – Teses. 5. Língua portuguesa – Verbos - Teses. 6. Língua árabe – Verbos – Teses. I. Ribeiro, Alexandre do Amaral. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.</p> <p>CDU 809.27:806.90</p>
-----	---

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Cristiane Vieira Ribeiro de Oliveira

**Usos do aspecto verbal, em português do Brasil, por falantes nativos de árabe: indicações  
para o ensino de Português como Segunda Língua**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 24 de agosto de 2023

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Alexandre do Amaral Ribeiro (Orientador)  
Instituto de Letras - UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Denise Salim Santos  
Instituto de Letras - UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Bianca Graziela Souza Gomes da Silva  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2023

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus queridos pais, Tereza e Levi

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser quem é e me acompanhar em tudo: a fonte da vida e luz pela qual vejo.

Aos meus queridos pais, Levi e Tereza, por todo apoio, dedicação, suporte e presença em cada parte da minha vida e, em especial, nesse processo das etapas de pesquisa, vocês firmaram meus passos para que eu pudesse expandir horizontes. Mãe, obrigada por estar tão imersa comigo nos processos desde a aprovação na seleção até as perguntas sobre cada prazo a ser atingido.

À Camille, minha irmã e amiga, pelo companheirismo de vida, por cada apoio, escuta e aconselhamento. É belo ver seus passos como pesquisadora.

Aos meus familiares, amigos e amigas que participaram, torceram e se alegraram com cada etapa desse processo acadêmico.

Ao Mateus, pelo amor e cuidado expressos em apoio, ajuda e companheirismo nos processos de pesquisa e vida, que caminemos juntos.

Aos professores e professoras que passaram pela minha vida e que a cada encontro e contato me fizeram deslumbrar o mundo do conhecimento, em especial, aos meus primeiros contatos com o árabe e o Português como língua estrangeira na graduação da UFRJ, que me despertaram caminhos.

Ao meu orientador Prof. Dr. Alexandre do Amaral Ribeiro, pelo zelo e empenho com a área de Português como Língua Não Materna, pela orientação cuidadosa, pela paciência, ensinamentos e pronto aceite no desenvolvimento da temática.

Às professoras Denise Salim e Bianca Graziela que aceitaram participar da banca de avaliação, pela leitura cuidadosa e as recomendações.

À Universidade do Estado do Rio de Janeiro por todo o suporte e estrutura. Foi um grande prazer me conectar a esse potente espaço.

## RESUMO

OLIVEIRA, Cristiane Vieira Ribeiro de. *Usos do aspecto verbal, em português do Brasil, por falantes nativos de árabe*: indicações para o ensino de português como segunda língua. 2023. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

A presente Dissertação de Mestrado inscreve-se na área de Ensino de Português Língua Não Materna, tendo como foco o ensino de português do Brasil a estrangeiros. Toma como objeto de estudo, especificamente, a construção da noção de aspectualidade verbal e seus usos por estrangeiros, falantes nativos de árabe, considerando os desafios experienciados por esses aprendizes por influência de sua língua materna. Tem como objetivo descrever as noções de aspectualidade na língua árabe e no português brasileiro; comparar as diferenças entre a noção de aspectualidade no árabe e no português brasileiro; identificar as dificuldades e analisar os usos da aspectualidade por aprendizes de português, falantes nativos de árabe; sistematizar as necessidades do público-alvo em relação ao aprendizado do aspecto verbal em língua portuguesa. Como parte dos procedimentos metodológicos, utiliza transcrição de reportagens publicadas em vídeos, coletadas de forma online da plataforma de compartilhamento de vídeos do *Youtube*. Sobre as bases teóricas que sustentam a presente pesquisa, utiliza estudos não exclusivamente dedicados aos estudos de Português Língua Não Materna (PLNM), que tratam de aspectualidade de modo mais geral. A partir disso, pensa a respeito de quais são as diferenças, em termos de proximidades e distanciamentos, entre as noções de aspectualidade nas línguas portuguesa e árabe; havendo distanciamento significativos, quais informações daí decorrentes são relevantes para que professores possam propor estratégias adequadas para o ensino da aspectualidade a falantes nativos de árabe; quais indicações, em termos didático-metodológicos, podem ser oferecidas a área de Ensino de Português como Segunda Língua de modo contribuir para a melhoria da proficiência de falantes nativos de árabe em português do Brasil.

Palavras-chave: PLNM; português língua não materna; aspecto verbal; aspectualidade; falantes de árabe; português brasileiro; abordagem comunicativa.

## ABSTRACT

OLIVEIRA, Cristiane Vieira Ribeiro de. *Uses of verbal aspect in Brazilian Portuguese by native speakers of Arabic: indications for teaching Portuguese as a second language*. 2023. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

This Master's Thesis is part of the area of Teaching Portuguese as a Non-Mother Tongue, focusing on the teaching of Brazilian Portuguese to foreigners. It takes as its object of study, specifically, the construction of the notion of verbal aspectuality and its uses by foreigners, speakers of Arabic, Considering the challenges experienced by these learners due to the influence of their mother tongue. It aims to describe the notions of aspectuality in Arabic and Brazilian Portuguese; compare the differences between the notion of aspectuality in Arabic and Brazilian Portuguese; identify the difficulties and analyze the uses of aspectuality by Portuguese learners, Arabic speakers; systematize the needs of the target audience in relation to learning verbal aspect in Portuguese. As part of the methodological procedures, it uses transcriptions of reports published in videos, collected online from the Youtube video sharing platform. Regarding the theoretical bases that support the present research, it uses studies not exclusively dedicated to Portuguese Non-Mother Tongue (PLNM) studies, which deal with aspectuality in a more general way. From this, it thinks about what are the differences, in terms of proximities and distances, between the notions of aspectuality in the Portuguese and Arabic languages; if there are significant distances, what information resulting from this is relevant for teachers to propose appropriate strategies for teaching aspectuality to Arabic speakers; what indications, in didactic-methodological terms, can be offered to the area of Teaching Portuguese as a Second Language in order to contribute to the improvement of the proficiency of Arabic speakers in Brazilian Portuguese.

Keywords: PLNM; Portuguese as a non-native language; verbal aspect; aspectuality; Arabic speakers; Brazilian Portuguese; communicative approach.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Classes morfológicas do Árabe e do Português .....	20
Quadro 2 -	Frases nominais .....	22
Quadro 3 -	Frases nominais.....	22
Quadro 4 -	Exemplos de aspecto não anterior.....	26
Quadro 5 -	Exemplos aspecto perfectivo.....	28
Quadro 6 -	Exemplo verbo imperfectivo .....	29
Quadro 7 -	Exemplo aspecto prospectivo.....	30
Quadro 8 -	Exemplo aspecto prospectivo .....	30
Quadro 9 -	Exemplos aspecto perfeito.....	31
Quadro 10 -	Exemplos aspecto neutro .....	33
Quadro 11 -	Dificuldades dos alunos quanto ao uso verbal em Português .....	50
Quadro 12 -	Legenda dos símbolos utilizados na descrição dos vídeos.....	53
Quadro 13 -	Exemplo 1.....	54
Quadro 14 -	Exemplo 2.....	56
Quadro 15 -	Exemplo 3 .....	57
Quadro 16 -	Exemplo 4 .....	59
Quadro 17 -	Exemplo 5 .....	60
Quadro 18 -	Exemplo 6.....	61
Quadro 19 -	Exemplo 7.....	63
Quadro 20 -	Exemplo 8.....	64
Quadro 21 -	Exemplo 9.....	65
Quadro 22 -	Exemplo 10.....	66
Quadro 23 -	Exemplo 11.....	67
Quadro 24 -	Exemplo 12.....	68
Quadro 25 -	Exemplo 13.....	70
Quadro 26 -	Exemplo 14.....	71
Quadro 27 -	Exemplo 15.....	73
Quadro 28 -	Exemplo 16.....	74

Quadro 29 - Exemplo 17.....	76
Quadro 30 - Exemplo 18.....	76
Quadro 31 - Exemplo 19.....	77
Quadro 32 - Exemplo 20.....	78
Quadro 33 - Exemplo 21.....	79

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

PLE	Português língua estrangeira/ Português como língua estrangeira
PLNM	Português língua não materna/ Português como língua não materna
PL2E	Português como segunda língua para estrangeiros
PL2	Português como segunda língua

## TABELA DE TRANSLITERAÇÃO

ء	’	ض	ḍ
ا	ā	ط	ṭ
ب	b	ظ	ḏ
ت	t	ع	‘
ث	ṭ	غ	ġ
ج	j	ف	f
ح	ḥ	ق	q
خ	ḫ	ك	k
د	d	ل	l
ذ	ḏ	م	m
ر	r	ن	n
ز	z	ه	h
س	s	و	w/ū
ش	š	ي	y/ī
ص	ṣ	ى	à

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
1	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	16
1.1	<b>Características básicas do Árabe e como funciona o aspecto”</b> .....	19
1.2	<b>O aspecto em Português</b> .....	33
2	<b>ENSINO DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS</b> .....	41
2.1	<b>Peculiaridades</b> .....	41
2.2	<b>Abordagem comunicativa</b> .....	44
2.3	<b>Os desafios de ensinar aspecto</b> .....	46
2.4	<b>Português para estrangeiros, falantes de árabe</b> .....	48
3	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	51
3.1	<b>Transcrição reportagem em vídeo 1</b> .....	54
3.2	<b>Transcrição reportagem em vídeo 2</b> .....	62
3.3	<b>Transcrição reportagem em vídeo 3</b> .....	66
3.4	<b>Transcrição reportagem em vídeo 4</b> .....	68
3.5	<b>Transcrição reportagem em vídeo 5</b> .....	69
3.6	<b>Transcrição reportagem em vídeo 6</b> .....	72
3.7	<b>Transcrição reportagem em vídeo 7</b> .....	75
3.8	<b>Indicações para o ensino</b> .....	79
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	82
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	85
	<b>ANEXO – Transcrição completa das reportagens publicadas em vídeo</b> .....	88

## INTRODUÇÃO

A presente Dissertação de Mestrado inscreve-se na área de Ensino de Português Língua Não Materna, tendo como foco o ensino de português do Brasil a estrangeiros. Toma como objeto de estudo, especificamente, a noção de aspectualidade verbal em Português do Brasil e seus usos por estrangeiros, especificamente, falantes de árabe como língua materna. Por considerar os desafios que esses aprendizes de Português do Brasil experienciam quanto ao uso de aspecto verbal, encontram-se ao longo deste texto seções relativas ao aspecto em língua árabe e em língua portuguesa. Não se trata, sobretudo, de um estudo contrastivo. O que se faz, nesse sentido, é reunir e sistematizar subsídios teóricos que permitam identificar possíveis dificuldades no uso do aspecto verbal por aprendizes de português por influência de sua língua materna, o árabe.

Ao fazer um levantamento inicial sobre o assunto “ensino de aspecto verbal a estrangeiros”, no Banco de Dissertações e Teses da CAPES, por exemplo, não se encontram trabalhos, nesse contexto, voltados para o ensino da aspectualidade no português do Brasil em que o foco seja especificamente falantes da língua árabe. Encontram-se trabalhos que lidam diretamente com as noções de tempo e aspecto na língua árabe de forma contrastiva com o português e outros que, com o intuito de propor uma padronização do quadro verbal árabe, tocam na comparação das nomenclaturas usadas nas noções verbais das duas línguas, passando por assuntos como tempo e aspectualidade em ambas as línguas. Há trabalhos ainda que não especificam a língua materna do aprendiz de português como segunda língua, pensando no ensino da aspectualidade de modo mais geral. Quando envolvem estrangeiros, as pesquisas vêm privilegiando trabalhos que tratam de questões aspectuais voltadas para aprendizes estrangeiros mais representativos, no âmbito da pesquisa acadêmica, como os falantes de inglês e outras línguas europeias.

Com vistas a ampliar, inicialmente, o conhecimento sobre as produções acadêmicas desenvolvidas no Brasil a respeito do estudo da aspectualidade do português brasileiro e da língua árabe, diretamente relacionadas ao contexto de ensino-aprendizagem de PL2E ou usadas como insumos para a aplicação nesta área, fez-se um levantamento prévio sobre as produções de dissertações e teses no catálogo de busca da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que auxiliou a organizar as categorias bibliográficas da presente

Dissertação. Para tal, elencou-se como palavras de busca, na construção desse levantamento, os seguintes termos: PLE, PLNM, PL2E, Aspecto, Aspectualidade no português do Brasil, português como língua estrangeira, português como língua não materna, português como segunda língua para estrangeiros, estudo dos verbos no português brasileiro. Através desse levantamento, chegou-se a um panorama do estado de conhecimento sobre o tema por meio da seleção dos títulos e resumos das produções encontradas (Dissertações e Teses). A leitura desses dados informacionais permitiu mapear as produções na área (Ferreira, 2002, p. 258).

Justifica-se, portanto, a proposição de uma pesquisa que se ocupe da aspectualidade verbal, tendo como público-alvo aprendizes falantes de árabe no contexto de ensino e da aprendizagem de Português como Segunda Língua. Trata-se de um tema pouco explorado nas pesquisas, o que torna o presente estudo uma contribuição significativa para a área, como aponta Comrie ([1976] 2001, p.1-3) ao iniciar seu livro afirmando que o termo aspecto tende a ser menos familiar aos estudantes de linguística comparado a outras categorias gramaticais, como tempo e modo, por exemplo.

No que se refere à situação-problema que motivou esta proposta de estudo, percebem-se por meio da prática de sala de aula, como uma atividade sobre a narração de histórias em quadrinho, questões características ao grupo de falantes de árabe, a troca do “p” pelo “b” (bilabial surda pela sonora); a omissão dos verbos ser e estar; uma certa preferência na colocação dos advérbios intensificadores na posição final das frases; dificuldade no manejo da regência de certos verbos que pedem a preposição “de”; dentre eles, pode-se destacar o uso e a construção de enunciados com equívoco nas relações de aspectualidade, dificuldade quanto ao manejo de certas noções verbais, aspectuais e temporais dos verbos em português.

A partir da apresentação da transcrição de vídeos de falantes de árabe contando sobre suas vidas em território brasileiro, verificou-se essas alternâncias entre os tempos e aspectos em português. Em alguns casos, a alternância entre formas verbais, que conseqüentemente modificam as noções de perfectividade e imperfectividade empregadas em contextos narrativo-discursivos pelos aprendizes, prejudicam o entendimento dessas noções em seus diversos enquadramentos. Diante disso, é pertinente perguntar se essas alternâncias poderiam ser motivadas pela noção de perfectividade e imperfectividade na língua árabe e a influência da língua materna nas construções frasais na língua-alvo. Essas relações parecem bem desafiantes no processo de ensino-aprendizagem de português como segunda língua e quanto mais informações

professores e elaboradores de materiais didáticos tiverem a respeito, certamente, mais qualidade será agregada à área de ensino e suas atividades.

Questões como: quais são as diferenças, em termos de proximidades e distanciamentos, entre as noções de aspectualidade nas línguas portuguesa e árabe; havendo distanciamento significativos, quais informações daí decorrentes são relevantes para que professores possam propor estratégias adequadas para o ensino da aspectualidade a falantes de árabe; quais indicações, em termos didático-metodológicos, podem ser oferecidas à área de Ensino de Português como Segunda Língua de modo a contribuir para a melhoria da proficiência de falantes de árabe em português do Brasil. Considerando os passos a serem dados para responder às questões levantadas, tem-se como objetivos gerais desta pesquisa os seguintes: entender as diferenças da noção de aspectualidade entre o português do Brasil e o árabe; indicar estratégias de ensino de português, no que tange especificamente ao uso da aspectualidade, promovendo um diálogo entre descrição e ensino.

No que se refere aos objetivos específicos, apontam-se os seguintes: descrever as noções de aspectualidade na língua árabe e no português brasileiro; comparar as diferenças entre a noção de aspectualidade no árabe e no português brasileiro; identificar as dificuldades e analisar os usos da aspectualidade por aprendizes de português, falantes de árabe; sistematizar as necessidades do público-alvo em relação ao aprendizado do aspecto verbal em língua portuguesa.

Os dados a serem utilizados para a análise e desenvolvimento desta pesquisa são reportagens publicadas em vídeos, coletadas da plataforma online de compartilhamento de vídeos do *Youtube*. A plataforma funciona como uma Rede Social e foi escolhida por permitir um vasto acesso aos seus dados.

Para seleção de vídeo, utilizou-se como base a busca textual de expressões como: falantes de árabe. O recorte temporal foi de 2013 a 2023. O critério de escolha desse recorte temporal foi a análise de períodos com acontecimentos marcantes na história recente do Mundo Árabe e seus desdobramentos para o Brasil. A transcrição dos vídeos selecionados é apresentada no Capítulo 3 “Apresentação e Análise dos Dados”, com o intuito de traçar apontamentos para a análise dos usos aspectuais que os falantes de árabe fazem do português.

Como fundamento para aprofundar o tema da pesquisa, optou-se pelas seguintes categorias teóricas: características do aspecto em língua árabe, características do aspecto em língua portuguesa; peculiaridades do ensino de Português Língua Não Materna, aqui utilizado como



termo guarda-chuva que abarca as perspectivas do português como segunda língua e como língua estrangeira.

Sobre as bases teóricas que sustentam a presente pesquisa, cabe esclarecer que se faz necessário inspirar-se em estudos, não exclusivamente dedicados aos estudos de Português Língua Não Materna (PLNM), mas também naqueles que tratam de aspectualidade de modo mais geral. No que concerne às indicações didáticas, serão tomados como referência estudos que assumam a indissociabilidade entre língua e cultura, interculturalidade e didática do ensino de línguas estrangeiras.

Para refletir sobre esses pontos, a organização deste trabalho dá-se da seguinte forma, apresenta-se este capítulo de introdução, e, nesta ordem, as seguintes seções:

No Capítulo 1 são apresentados os referenciais utilizados na pesquisa, conforme categorias teóricas elencadas anteriormente. Discorre-se sobre a noção de aspecto de forma geral (Comrie, 2001); as características e noção de aspecto na língua árabe (Lima, 2017; Caffaro, 2012; Corriente, 1980; Lipinsky, 1997; Al-Khafaji, 1972; Mughazy, 2015) e a noção de aspecto em português (Castilho, 1968; Travaglia, 2016; Azeredo, 2010; Garcia, 2010)

No Capítulo 2 discorre-se sobre a área de ensino de Português para estrangeiros (Mendes, 2011; Santos, 2016; Candian; Bessa, 2021; Meyer, 2016; Ribeiro *et al* 2018), juntamente com estudos sobre a Abordagem Comunicativa (Larsen-Freeman; Anderson, 2011; Hymes, 1972; Martelota, 2012), questões sobre o ensino de português para estrangeiros com foco nos falantes de Árabe (Silva, B., 2016), ressaltando as peculiaridades e desafios quanto ao ensino do aspecto (Castilho, 1968; Travaglia, 2016; Silva, F., 2016) .

No Capítulo 3 apresentam-se e analisam-se os dados da pesquisa, oriundos das reportagens em vídeos transcritas. Esses dados são sistematizados em quadros que exemplificam os usos feitos pelos falantes nativos de árabe ao se expressarem em língua portuguesa. Ao final, são feitas algumas indicações que podem ser úteis para o ensino da noção de aspectualidade em Português brasileiro no contexto do ensino de Português como Segunda Língua.

Por fim, apresentam-se as Considerações Finais, tendo como base as análises e reflexões feitas ao longo do trabalho, e as referências bibliográficas citadas no texto. Por sua vez, em anexo há as transcrições completas das reportagens publicadas em vídeos coletadas da plataforma do Youtube e utilizadas como corpus de análise de dados para a presente pesquisa.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na historiografia da noção de aspectualidade nos estudos linguísticos ao longo dos tempos, tendo como ponto de partida os estudos greco-latinos, Castilho (1968, p.20) aponta os estoicos preocupados em analisar certas questões não temporais dos tempos verbais, dessa forma, descreveram essas noções, de forma geral, a respeito de duração e acabamento, relacionando-as a dois agrupamentos que correspondiam ao presente e imperfeito, trazendo ideias como estender, desenvolver e durar, com o intuito de possibilitar a indicação de duração de algum acontecimento em distintas perspectivas temporais; e ao perfeito, com as ideias de acabar e cumprir. O autor menciona Varrão como o precursor dentre os latinos, com seu livro *De Língua Latina*, em tentar fazer a distinção a respeito dos valores temporais e não temporais dos tempos verbais, assim como os gregos, demarcando nominalmente a diferença entre *tempora infecta* e *tempora perfecta*. Baseando-se em Varrão, Meillet expande e delinea essas ideias distinguindo os tempos latinos em ações inacabadas e ações acabadas, reforçando a presença dos valores não temporais dos verbos (Castilho, 1968, p.24).

Essas noções de valores não temporais presentes nas formas verbais foram verificadas sob uma constituição morfológica nas línguas eslavas, no tocante à expressão das ideias de imperfectivo, para aquelas em que não se refere ao término de uma ação e ao perfectivo, a qual já leva-se em consideração o ponto terminativo da situação (Castilho, 1968, p.21).

A partir dessa verificação nas línguas eslavas, da categoria de aspecto explicitada de forma mais perceptível devido apresentar uma forma específica para sua expressão, George Curtius, ao escrever o livro *Formação dos Tempos e Modos em Grego e em Latim*, em 1846, busca se aprofundar nessa demarcação de categoria aspectual, agora comparando grego e latim.

Ao empenhar-se nessa busca, Curtius denomina as percepções de presente, passado e futuro como os “graus do tempo” e três possibilidades de demarcar os valores não temporais das ações em durativa, incipiente e completa como “qualidade do tempo”. Essa distinção de ideias, embora não desvinculem as noções de tempo e aspecto, projetam a ideia de uma grade vertical quanto à variação, gradação entre presente, passado e futuro e uma grade horizontal entre as ideias que transmitem a “qualidade do tempo”, conduzindo a uma ideia de extensão nessa linha, reforçando o contato entre ambos os conceitos (Castilho, 1968, p.21).

Averiguando em específico as noções de “qualidade do tempo”, como mencionado por Curtius, na língua portuguesa, ao longo dos estudos, há uma atenção maior ao grupo de perífrases verbais que possuem marcações proeminentes para a categoria aspectual, fazendo com que se tornem geralmente, um ponto de partida para o desenvolvimento das análises sobre o tema (Castilho, 1968, p.26).

Além da ideia de “qualidade do tempo”, verifica-se também a ideia de “modo de ação” também empregado no entendimento do aspecto verbal (Castilho, 1968, p.40). A palavra aspecto (*aspekt*) etimologicamente expressa a ideia de “ver” por sua raiz “*spek*”. O “modo de ação” relaciona-se ao termo “*aktionsart*” que enxerga as noções aspectuais de uma forma mais ampla levando em consideração o valor semântico dos verbos envolvidos, expandindo as análises empregadas além das questões de duração e completude das ações (Castilho, 1968, p.14, 40).

Essas duas nomenclaturas davam conta da percepção da marcação da categoria de aspecto quando os estudos sobre o tema expandiram-se além das línguas eslavas, com suas especificidades morfológicas para expressar a categoria, sendo verificada em outras línguas como uma realidade lexical - tendo como aporte o semantema do verbo - e em outras como uma realidade morfológica por meio de flexões e perífrases (Castilho, 1968, p.40).

O conflito de nomenclatura e percepção entre essas duas questões, no cenário linguístico românico, deu-se pela tradução feita pelos franceses do termo “*Aktionsart*” pela palavra aspecto e não apontando uma possibilidade de tradução e uso para o termo “*Aspekt*”. A distinção entre esses dois termos referia-se ao apontamento dos diferentes níveis linguísticos da expressão do aspecto, *Aktionsart* quanto ao nível semântico e *Aspekt* quanto ao nível morfológico (Castilho, 1968, p.42 ).

Comrie ([1976] 2001, p.1-3) inicia seu livro afirmando que o termo aspecto tende a ser menos familiar aos estudantes de linguística comparado a outras categorias gramaticais, como tempo e modo, por exemplo. Para introduzir do que se trata essa categoria gramatical, refere-se à familiaridade do termo entre as línguas eslavas quanto à distinção aspectual de perfectivo e imperfectivo, dando a entender a origem desta concepção com relação a essas línguas.

A respeito também dessa não exposição e consequente não familiaridade sobre o tratamento dado à noção de aspecto, Azeredo (2010, p.131) salienta que embora o conceito de aspecto não apareça nomeado dessa forma em certas gramáticas escolares, ao se tentar fazer a distinção semântica entre frases como: (a) “o céu é azul” e (b) “ O céu está azul”, é à categoria de

aspecto que se referem, marcando a oposição de noção permanente na frase (a), em que existe uma qualidade azul que é permanente ao céu, e de temporário na frase (b), em que há uma característica azul adquirida pelo céu.

Comrie ([1976] 2001), para discorrer sobre o assunto, também apresenta exemplos com o verbo “ler” em francês, (*il lisait* e *el lut*) e em inglês (*he was reading* e *he read*), que podem ser traduzidos para o português como: ele lia e ele leu. Ele menciona que a diferença entre as sentenças não se trata de uma questão temporal, já que nos dois casos as frases estão no passado. Tais oposições configuram-se entre uma forma perfectiva e imperfectiva, tratando-se de fatores aspectuais, caracterizando a noção de aspecto num primeiro momento como “uma forma diferente de ver a constituição temporal interna de uma situação” (Comrie [1976] 2001, p.3). Em “ele leu”, olha-se para a situação de fora, não fazendo distinção da estrutura interna desta, enquanto em “ele lia”, olha-se a situação de dentro e, dessa forma, distingue-se sua estrutura interna (Comrie [1976] 2001, p.4).

Reforçando essa ideia da marcação do processamento interno do verbo, Azeredo (2010, p.131) define que a categoria do aspecto “[...] refere-se, portanto, à duração do processo verbal, independentemente da época em que esse processo ocorre” (Azeredo, 2010, p.132).

Essa independência de época processual, que infere um quesito temporal, pode ser retomada em Comrie ([1976] 2001, p. 1), que ao contrapor as categorias de tempo e aspecto, afirma que a categoria de tempo relaciona-se com o tempo de situação em relação a outro tempo, geralmente o momento de fala, caracterizando-se como uma propriedade dêitica, já a categoria do aspecto teria uma propriedade não-dêitica. Ambas categorias, segundo o autor, se relacionam a tempo, no entanto de formas diferentes. A categoria de tempo localiza situações numa grade temporal e o aspecto não tem a preocupação de localizar qualquer outra situação num ponto temporal, mas sim a constituição temporal interna de uma situação, ou seja, o tempo interno da situação refere-se ao aspecto, enquanto o tempo externo da situação refere-se à noção de tempo (Comrie ([1976] 2001, p.5).

Usada para expressar uma relação de ação/estado no tempo num dado ponto de referência, na língua árabe essa noção de aspecto caracteriza-se com ideias de anterioridade, marcada pelas noções aspectuais de perfeito e completo; simultaneidade e posterioridade, ambas ideias marcadas pelas noções de imperfeito e incompleto (Al-khafaji, 1972, p. 19).

Essas reflexões a respeito da noção de aspectualidade e tempo, no quadro verbal da língua árabe, encontram-se em Al-Khafaji (1972) que fez um estudo tendo como objetivo principal investigar a indicação de tempo no sistema verbal do inglês e do árabe, descrevendo-os e contrastando-os. Para isso, levou em consideração categorias como o tempo de um evento e a noção de aspecto, apresentando e analisando estruturas gerais do quadro verbal dos dois sistemas.<sup>1</sup> Ampliando essa análise aspectualista para o árabe padrão (standard arabic), Mughazy (2015, p.101) toma como ponto de partida diversos outros estudos para tratar a ideia de evento como mudanças de estado que podem ser individuadas sob descrições particulares denotadas por predicados.

Com isso, a noção de aspecto formal é vista como diferentes formas de descrever estruturas internas de situações, além de tratar-se de uma propriedade relacionada às descrições de eventos, que podem ser completas ou incompletas, denotadas pelos predicados ao invés de estar atrelada aos eventos em si descritos por eles.

No português, a respeito da investigação desse conceito, Travaglia (2016, p.19) faz um levantamento preliminar em seu livro a fim de verificar os estudos existentes sobre o tratamento do aspecto no Português e em sua busca afirma que “Muitas vezes o que temos é uma superposição ao Português de quadros aspectuais criados por estudiosos de outras línguas, quase sempre não se define com clareza a categoria ou as noções enquadradas dentro dela que, com frequência, são simplesmente nomeadas”.

### **1.1 Características básicas do Árabe e como funciona o “aspecto”**

Esta parte tem como um de seus objetivos discorrer a respeito da teoria gramatical da língua árabe de forma geral, com o intuito de apresentar alguns elementos importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Este estudo preliminar sobre o aspecto em língua árabe é necessário para se apresentar a configuração do seu quadro verbal e elementos circunscritos a essa categoria, tendo como ponto de partida conceitos pertinentes para o entendimento do funcionamento da língua, objetivando, sobretudo, chegar ao desenvolvimento das ideias a

---

<sup>1</sup> Al-Khafaji toma como base no desenvolvimento de suas pesquisas o árabe literário moderno (Al-Khafaji, 1972, p. 28)

respeito da noção da aspectualidade. Dessa forma, busca-se discorrer a respeito do entendimento da noção de aspectualidade e possibilidades de expressão dessas ideias na língua árabe, ressaltando, entretanto, que não há a intenção de se fazer um estudo contrastivo. O estudo da língua árabe entra para facilitar pensar as dificuldades enfrentadas pelos aprendizes no ensino-aprendizagem de PLN, tendo em vista o desenvolvimento de uma competência comunicativa.

A respeito da teoria gramatical árabe, encontram-se as seguintes composições descritas por Corriente (1980, p. 53-54): O nome, capaz de flexão nominal; a partícula, incapaz de ser flexionada; o verbo, capaz de flexão verbal.

Comparando esta composição do quadro teórico gramatical árabe ao quadro de classe de palavras do Português, é possível verificar as seguintes correlações:

Quadro 1 - Classes morfológicas do Árabe e do Português

Árabe	Português
Verbo	Verbo
Nome	Substantivo Adjetivo Numeral Alguns pronomes Alguns advérbios
Partícula	Artigo Preposições Conjunções Interjeições Alguns pronomes Alguns advérbios

Fonte: Lima, 2017, p. 76.

A noção de nome compreende, desta forma, a classe dos substantivos, dos adjetivos, numerais, certos pronomes e certos advérbios no português. A partícula relaciona-se aos artigos, preposições, conjunções, interjeições, certos pronomes e certos advérbios em português. Por fim,

a categoria de verbo correlaciona-se também à ideia desta categoria apresentada no português (Lima, 2017, p. 76; Caffaro, 2012, p. 34).

Contribuindo com essa correlação, parte-se da verificação terminológica comparativa do termo “verbo” em árabe e em português, tendo-se a definição em árabe como “o que indica o significado de um acontecimento associado a um tempo” (Alhaws, 1987, p. 16 *apud* Caffaro, 2012, p. 35) e em português como um termo que:

“[...] expressa um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres, ou em torno dos seres. É a parte da oração mais rica em variações de forma ou acidentes gramaticais. Estes acidentes gramaticais fazem que ele mude de forma para exprimir cinco ideias: modo, tempo, número, pessoa e voz.” (Lima, 2002, p. 122 *apud* Caffaro, 2012, p. 35).

Sendo assim, dessas definições terminológicas dos termos apresentados, depreende-se ideias a respeito do conceito de verbo nas duas línguas, ambas relacionadas à indicação de um acontecimento, uma ação e esta ação associar-se a um tempo, marcando, diante disso, a correspondência direta entre os termos *fiʿl* (verbo) e verbo (Caffaro, 2012, p. 35, 36).

Embora ocorra essa correspondência entre a terminologia de verbo entre ambas as línguas, algumas características a distinguem, como vê-se na definição de Corriente quanto ao verbo árabe:

O verbo é, semanticamente, uma classe de palavras que significam ação, o estado ou qualidade, que são, sintaticamente, predicados de um sujeito, com ele forma a frase verbal, dentro de umas coordenadas aspecto-temporais, que a distinguem radicalmente da frase nominal, de predicación atemporal (Corriente, 1980, p.147, Tradução nossa)<sup>2</sup>

A noção de verbo de estado e qualidade a que o autor se refere, na teoria gramatical árabe são verbos plenos que se flexionam e traduzidos para o português necessitam ser acompanhados pelos verbos “ser”, “estar” e “tornar-se”, por exemplo, juntos de um adjetivo, expressando ideias como: “ser pequeno”, “ser generoso” e “estar triste”. Além disso, “nos estudos sobre aspecto, eles, por si só, constituem os chamados “predicados estativos”, embora nem todos os verbos presentes nesse tipo de predicado sejam como o de “qualidade” árabe, já que neles figuram também verbos que denotam posse ou estados cognitivos ou afetivos como ter, gostar, saber, etc.” (Lima, 2017, p. 76).

Referente à distinção das frases em nominais e verbais, na teoria gramatical árabe haverá a classificação a depender do elemento que inicia a frase, se por um verbo, será chamada de

---

<sup>2</sup> Texto original: “ El verbo es, semánticamente, una clase de palabras que significan acción, o estado o cualidad, que son, sintácticamente, predicados de un sujeto, con el que forma la oración verbal, dentro de unas coordenadas aspecto-temporales, que la distinguen radicalmente de la oración nominal, de predicación atemporal” (Corriente, 1980, p.147)

*/jumla fi<sup>c</sup>liyya/* (frase verbal) , caso seja iniciada por um nome, */jumla <sup>ʾ</sup>ismiyya/* (frase nominal), sendo assim, mesmo uma frase contendo um verbo ela será classificada como uma frase nominal se vier encabeçada por um nome. Desta forma, há frases nominais com verbos e sem verbos. As frases nominais que apresentarem verbos em sua composição na língua árabe, ao serem transpostas para o português, serão traduzidas normalmente contendo um verbo, como os exemplos a seguir:

Quadro 2 - Frases nominais

Meu coração bate/ está batendo <i>/qalb - ī yaduqqu/</i>	قلبي يَدُقُّ
Eu me conheço <i>/'anā 'arifu nafsī/</i>	أنا أعْرِفُ نفسي

Fonte: Lima, 2017, p.77

Quanto às frases nominais que não tenham verbo e não estejam inseridas em um cenário contextual, elas não refletem tempo nem aspecto porque não estão vinculadas contextualmente ao presente, passado ou futuro, nem perfectivo ou imperfectivo, como nos exemplos a seguir em Corriente (1980, p.68):

Quadro 3<sup>3</sup> - Frases nominais

O rei é generoso <i>/al-maliku karim-un/</i>	الْمَلِكُ كَرِيمٌ
Ahmad é generoso <i>/'aḥmadu karim-un/</i>	أَحْمَدُ كَرِيمٌ

Fonte: Corriente, 1988, p.68

Como não estão inseridas em um contexto explicitado, exemplos como as frases acima, dessa forma, ao serem traduzidas para o português devem vir acompanhadas dos verbos de ligação “ser”, “estar”, “ficar” - o que melhor se encaixar quanto ao sentido - utilizando o presente que é a forma temporal menos marcada (Lima, 2017, p. 78).

<sup>3</sup> Transliteração realizada pela autora. Exemplos retirados de Corriente (1998).



Quanto às características do verbo árabe, Lima (2017, p.78) apresenta de forma resumida traços referentes aos âmbitos morfológico, semântico e sintático. O primeiro atém-se ao fato de sua capacidade de receber prefixos e sufixos para indicar pessoa, aceitar as alternâncias de vogais breves para a marcação de modo e voz e poder se flexionar no perfectivo e imperfectivo. Às semânticas como a possibilidade de expressão temporal, indicando o momento de acontecimento dos fatos e a expressão aspectual, indicando o desenvolvimento do acontecimento; e sintático, desempenhando o papel de núcleo do predicado.

No tocante à expressão do aspecto e das diversas possibilidades de tempo e modo no sistema verbal árabe, há as formas /almāḍī/ e /almuḍāri/, representadas na tradição gramatical como os modelos /faʿal/ e /yafʿal/, expressando as ideias de perfectivo e imperfectivo, respectivamente, tanto isoladas quanto em construções com demais verbos e partículas, como formas basilares para a materialização dessas nuances (Lima, 2017, p. 85).

Lima (2017), ao realizar um estudo sobre as noções de tempo e aspecto na língua árabe, notou que dentre os trabalhos analisados surge uma indagação comum a eles, o fato de se perguntarem se a língua árabe é temporal ou aspectual, questão esta que parece estar sem consenso até os dias atuais (Lima, 2017, p. 98). Isso remonta a todo um tratamento dado a esse assunto ao longo da história linguística árabe.

O começo da tradição gramatical árabe data do século sétimo com Abul-Aswad al-Duʿali, no entanto, uma formal documentação sobre esses estudos vêm à tona somente no século oitavo com Sibawayhi. (Bahloul, 2008, p. 40).

Sendo responsável pela primeira sistematização das estruturas sintáticas da teoria gramatical árabe, o livro de Sibawayhi, chamado *Al-kitab* (O livro), tornou-se um modelo para os estudos posteriores. Logo de início, o gramático do árabe percebeu a multiplicidade de marcações de valores possíveis às formas verbais, como a possibilidade de expressão do modo, tempo e aspecto ao mesmo tempo e intrínseca relação entre esses valores, por exemplo.

Essas diversas expressões relacionadas ao verbo não receberam um tratamento minucioso em seus estudos quanto à definição, precisão e demarcação da manifestação deles, no entanto, ao discorrer sobre o assunto, Sibawayhi tratou-os tanto sob a perspectiva da categoria temporal, por meios sequenciais, quanto da categoria aspectual, por meio das noções de completude e incompletude, demarcando a relação entre as duas noções quanto à composição verbal (Lima, 2017, p. 149-152). Como vê-se a seguir ao Sibawayhi fazer menção à noção do verbo:

Quanto ao verbo ele pertence às formas tiradas das expressões dos eventos dos nomes, formada do que passou, do que será, mas ainda não aconteceu e do que é e ainda não parou de ser [...] (Sibawayhi, Vol. I, p. 12 *apud* Lima, 2017, p. 149).

Devido a não exatidão de tratamento de expressão desses valores no sistema verbal árabe por Sibawayhi, muitos estudiosos posteriores a esse trabalho optaram por seguir interpretações ora mais próximas à marcação temporal ora mais próximas à marcação aspectual. Tradicionalmente, os gramáticos mais antigos seguiram uma leitura temporal do sistema verbal árabe:

Dado que os verbos estão relacionados com o tempo, e como o tempo é um dos componentes dos verbos - o tempo existe quando eles existem (os verbos) e deixa de existir em sua ausência -, os verbos foram então divididos em tempo. Dado que os tempos são três, passado, presente e futuro, partindo do princípio de que os tempos são rotações astronômicas: uma que já passou, outra que ainda não chegou, e uma outra que divide o passado e o porvir, assim são os verbos: passado, futuro e presente. (Ibn Ya IsS, s/d, VII, p. 4 *apud* Lima, 2017, p. 99).

Sobre a categoria gramatical de tempo nas línguas semíticas, Lipinsky (1997, p. 332) afirma que se distingue essencialmente em ação futura e ação passada, sendo assim, essa forma bipartida serve para expressar um conjunto de noção de tempo que se refere a ordem relativa dos eventos, em que se configura antes do tempo real ou fictício da enunciação ou que não aconteceu ainda.

Segundo o autor, essa distinção bipartida temporal é normal a um grande número de línguas, sendo a divisão tripartida de tempo em passado, presente e futuro uma característica não universal dos sistemas temporais linguísticos.

A respeito da categoria gramatical do aspecto semítico, Lipinsky (1997, p. 332) afirma que ela indica uma condição ou situação relacionada às circunstâncias permanentes ou estáticas, completas ou perfeitas, e não completas ou não completamente realizadas, ou seja, serve para expressar formalmente aspectos distintos que não podem ser equiparados a situações télicas e atélicas. A situação télica envolve um processo que lida com um ponto final bem definido (John está fazendo uma cadeira), enquanto que uma situação atélica perde esse objetivo determinado, não tendo esse ponto final definido (John está cantando). Segundo o autor, essas distinções “télica/atélica” são neutralizadas no aspecto semítico imperfectivo, enquanto que as características semânticas de “realização” substituem a ideia de “ponto final bem definido” no

aspecto perfectivo. Com isso, a distinção “telica/atélica” não é útil na análise dos aspectos semíticos.

Tendo como objetivo principal investigar a indicação de tempo no sistema verbal, Al-Khafaji (1972)<sup>4</sup> fez um estudo do inglês e do árabe, descrevendo-os e contrastando-os. Para isso, levou em consideração categorias como o tempo de um evento e a noção de aspecto, apresentando e analisando estruturas gerais do quadro verbal dos dois sistemas.

Em seu estudo, o termo aspecto foi usado para se referir à relação de ação ou estado no tempo em um dado ponto de referência. Dessa forma, tanto no árabe quanto no inglês a relação aspectual era demarcada por anterioridade, simultaneidade e posterioridade. Relacionando a ideia de anterioridade tradicionalmente à noção de perfeito e completo; e as outras duas a imperfeito ou incompleto (Al-Khafaji, 1972, p. 19).

Ao buscar propor uma nova análise aspectualista para o árabe padrão (*standard arabic*), Mughazy (2015, p.101) tomou como ponto de partida diversos outros estudos para tratar a ideia de evento como mudanças de estado que podem ser individuadas sob descrições particulares denotadas por predicados.

Com isso, a noção de aspecto formal nesse estudo é vista como diferentes formas de descrever estruturas internas de situações, além de tratar-se de uma propriedade relacionada às descrições de eventos, que podem ser completas ou incompletas, denotadas pelos predicados ao invés de estar atrelada aos eventos em si descritos por estes.

O autor salienta que as formas com que os eventos podem ser descritos varia dependendo das nuances que se queira enfatizar, podendo apresentar-se tanto de forma completa, demarcando os pontos inicial e final, quanto de forma incompleta, passando somente por seu estágio interno ou seu ponto final num estágio intermediário. Outro ponto importante para uma plena descrição dos eventos para o autor, é o fato do aspecto formal não poder estar dissociado da referência temporal devido a descrição aspectual ser intimamente relacionada à localização temporal dos eventos.

A respeito das variedades de noção aspectual na língua árabe, inicialmente apresenta dois tipos contrastivos: o aspecto anterior e o aspecto não anterior. O aspecto a ser assinalado fica condicionado pela presença ou ausência de um prefixo pronominal antes da raiz do verbo,

---

<sup>4</sup> Al-Khafaji toma como base de sua investigação o árabe literário moderno (Al-Khafaji, 1972, p. 28).

indicando o aspecto não anterior ao portar esse prefixo e o aspecto anterior pela falta deste (Al-Khafaji, 1972, p. 470).

Por sua vez, especificações das marcações aspectuais de não anterioridade tem sua expressão por meio de um prefixo antes da raiz do verbo indicativo de não anterioridade em relação a um ponto de referência (Al-Khafaji, 1972, p. 486). O aspecto anterior é temporariamente o membro marcado e é expresso pelo sufixo zero (Al-Khafaji, 1972, p. 491).

Aprofundando essas definições, vê-se que o aspecto não anterior é comumente analisado em direção a dois aspectos especificados: posterioridade e simultaneidade. O primeiro será indicado pelo prefixo *sa-* ou a forma *sawfa*<sup>5</sup> mais um prefixo pronominal e o aspecto de simultaneidade, no exemplo (1), é formalmente indicado por um padrão de vogal especial e um prefixo *mu-* em determinados casos (Al-Khafaji, 1972, p. 471).

#### Quadro 4 - Exemplos de aspecto não anterior

(1) ماذا تفعل يا نبييل؟ (1)

/māḍā taf<sup>6</sup>alū yā<sup>7</sup> Nabīl/

“O que **faz** [Vocativo] Nabil” [tradução literal]

“Nabil, o que você **está fazendo?**”

Fonte: Lima, 2017, p. 111<sup>8</sup>

Ademais, quanto às possibilidades de coexistência das marcações de tempo e aspecto nos verbos árabes, o autor chama a atenção para o fato da ocorrência desse fenômeno na maioria dos verbos, ocorrendo isso pela estreita relação entre as noções de tempo e aspecto no sistema verbal árabe.

Frente a isso, o autor levanta a hipótese de que com essa coexistência de marcações, somente uma delas expressa-se significativamente no contexto, fazendo com que a outra seja atenuada (Al-Khafaji, 1972, p. 473). A partir disso, outras hipóteses a respeito da coexistência

<sup>5</sup> Mais a frente apresenta-se exemplos com o emprego do *sa-* e *sawfa* a partir de Mughazy (2015).

<sup>6</sup> Imperfectivo/ 2ª pessoa/ masculino/ plural

<sup>7</sup> Marcação de vocativo

<sup>8</sup> Os exemplos retirados de Lima (2017) sofreram algumas adaptações na forma de sua apresentação frente ao original.

dessas marcações de tempo e aspecto podem ser pensadas como as a seguir: a) de que a coexistência das marcas tanto de tempo e aspecto têm simultaneamente significado temporal em qualquer verbo árabe; b) de que os verbos árabes somente são marcados por aspecto; c) de que os verbos árabes são marcados somente por tempo. No entanto, todas elas são consideradas alternativas não produtivas por produzirem inaceitáveis e distorcidas descrições temporais, análises não realísticas dentre os verbos árabes, causando dificuldades e contradições em suas verificações.

A hipótese que melhor atende à análise das marcações de tempo e aspecto em árabe, para o autor, é a de exclusividade mútua em que as marcas temporais seriam sempre temporariamente significativas, ou seja, poderiam ser atenuadas em verbos simples e sempre significativas iniciando frases verbais, dessa forma os outros componentes da frase verbal que a acompanham são sempre aspectualmente significantes e assim a marcação de tempo insignificante/ não significante (Al-Khafaji, 1972, p. 474-477).

Dessas marcações aspectuais e descrições temporais, (Mughazy, 2015, p.118) defende a ideia de que os falantes podem usar diferentes formas verbais para descrever a mesma situação de diferentes formas, dependendo de seus objetivos comunicativos. O autor traz como exemplo disso as frases: “John estava lendo o livro” e “John leu o livro”, mostrando que ambas podem ser usadas para descrever o mesmo evento passado de ler. Assim, demonstra que o falante escolhe uma forma verbal ou perífrases para expressar um evento em seu processo total ou em seu processo em progresso.

Sobre o aspecto formal em árabe, Mughazy (2015, p.119) refere-se ao fato de que há duas formas verbais principais para expressá-lo, o perfectivo e o imperfectivo, e uma ampla gama de construções aspectuais com várias propriedades semânticas.

Para o autor, eventos são mudanças de estado. Um evento é a mudança de um estado adquirindo uma certa propriedade para um estado de ausência dessa propriedade e vice e versa. Tanto o aspecto perfectivo quanto o imperfectivo são propriedades do verbo e não eventos, sua análise se diferencia das outras análises anteriores ao seu trabalho pelo fato de não ignorar a parte temporal da definição porque o aspecto não pode ser dissociado da referência temporal.

Esta afirmação é um resultado óbvio da visão de eventos adotados aqui, já que eventos são mudanças que ocorrem no tempo enquanto os verbos - seja perfectivo ou imperfectivo - denotam descrições de eventos, estas descrições aspectuais podem envolver localização temporal (Mughazy, 2015, p. 119):

Quanto às possibilidades de expressão das noções de aspecto na língua árabe, Mughazy (2015, p. 121) aponta os aspectos perfectivo, imperfectivo, prospectivo, perfeito e neutro.

A seguir apresenta-se algumas das explicações a respeito de cada uma dessas noções aspectuais explanadas por Mughazy (2015, p.121).

Segundo o autor, o aspecto perfectivo relaciona-se à uma situação vinculada temporariamente ao todo, sem reconhecer-se a estrutura interna. Depreende-se disso um comportamento verbal em que a descrição do evento remete aos pontos inicial e final, não detalhando o estágio intermediário, mesmo se a situação for durativa. Esses verbos perfectivos comumente denotam um evento pontual no passado, não incluindo situações estativas e também não possibilitando as leituras desses eventos como progressivas e habituais, como pode-se ver no exemplo (2).

#### Quadro 5 - Exemplos aspecto perfectivo

(2) مَسَحَتْ دُمُوعَهَا بِكُمِّهَا، وَعَادَتْ تَتَأَمَّلُنِي

/masahat<sup>9</sup> dumū'a -hā bi -kummi -hā, wa -'ādat<sup>10</sup> tata'ammalu<sup>11</sup> -nī/

“Secou lágrimas -dela com -manga -dela e -voltou contempla -me” [Tradução literal]

“Secou as lágrimas nas mangas e voltou a me contemplar”

Fonte: Lima, 2017, p. 170.<sup>12</sup>

Uma explicação para a não aplicação das descrições perfectivas para situações estativas é explicitada por Mughazy (2015, p. 121) pelo fato de não apresentarem um ponto de culminação ou um fim natural, não tendo assim uma eventualidade atribuída; por outro lado, a não apresentação de uma morfologia progressiva ou habitual relaciona-se ao fato de não possibilitarem uma apresentação dos estágios internos de desenvolvimento desses eventos; e não

<sup>9</sup> Perfectivo/ 3ª pessoa/ feminino/ singular

<sup>10</sup> Perfectivo/ 3ª pessoa/ feminino/ singular

<sup>11</sup> Imperfectivo/ 3ª pessoa/ feminino/ singular

<sup>12</sup> Os exemplos retirados de Lima (2017) sofreram algumas adaptações na forma de sua apresentação frente ao original.

apresentando esse meio transicional, intermediário, os verbos perfectivos configuram-se como agramaticais em construções com subintervalos, como as circunstanciais e adverbiais.

Isto posto, a não autorização de possibilidade de leitura de um passado progressivo/habitual, no árabe *standard* dos verbos perfectivos, indica que estes verbos marcam o perfectivo ao invés do tempo pretérito.

Quanto aos usos típicos desses verbos perfectivos, os falantes tanto os utilizam para descrever eventos no passado, pois pode-se marcar os pontos de terminação e rompimento das descrições, quanto para descrever eventos futuros em que se elucubra prospecções desse cenário, pois esses verbos não codificam tempo e sim aspecto (Mughazy, 2015, p. 121).

Ao contrário da leitura dos verbos perfectivos, os verbos imperfectivos expressam leituras com ideias habituais, em (3), e progressivas e podem apresentar-se em construções estativas por demarcarem estágios intermediários e não levarem em consideração os pontos iniciais e finais deles.

#### Quadro 6 - Exemplo verbo imperfectivo

(3) لم تقتلون أنبياء الله من قبل... (3)

/lima      taqtulūna<sup>13</sup> 'anbyā'a llāhi min qablu.../

“por que **matam** profetas o-Deus de antes” [Tradução literal]

“Por que, antes, vocês **matavam**, os profetas de Deus?”<sup>14</sup>

Fonte: Lima, 2017, p. 17.<sup>15</sup>

Quanto aos seus usos, são utilizados pelos falantes para a descrição de eventos em curso no momento de enunciação da fala, podendo ser progressivos ou habituais, descrevendo também tipos de eventos e não eventos individuais específicos como os verbos perfectivos.

<sup>13</sup> Imperfectivo/ 3ª pessoa/ masculino/ plural

<sup>14</sup> A ideia de habitualidade é indicada pelo conhecimento geral de que a cada envio de profetas as mortes se repetiam (Lima, 2017, p. 18).

<sup>15</sup> Os exemplos retirados de Lima (2017) sofreram algumas adaptações na forma de sua apresentação frente ao original

Tendo suas formas gramaticalizadas, o aspecto prospectivo árabe apresenta-se com um verbo no imperfectivo antecedido pela partícula *sawfa* ou sa-, sua forma abreviada prefixal. Esse aspecto descreve estados que antecedem aos eventos que conjecturam-se, sem de fato saber se se concretizarão ou não, sendo aceitos em construções que expressam eventualidades durativas, ainda que o verbo imperfectivo seja uma realização, como no exemplo (4).

#### Quadro 7 - Exemplo aspecto prospectivo

(4) وأعجب من هذا أني أراه سيصفح عنه (4).

wa -'aʕjabu min hāḏā 'ann - ī 'arā -h<sup>16</sup> sa- yaṣfaḥ<sup>17</sup> ʕanh<sup>18</sup>

“O que é mais estranho é que eu o vejo **indo perdoá-lo/perdoando-o**”(tradução nossa)<sup>19</sup>

Fonte: Ibn Al Mugaffa', 1989, p. 205 *apud* Mughazy, 2015, p. 125.

Por indicar estados, imagina-se que o funcionamento do aspecto prospectivo seja semelhante aos de outras construções com verbos estativos ou predicados não verbais. Sendo assim, um de seus usos típicos pelos falantes é o de descrever estados atuais, apresentando em suas construções advérbios no presente e no futuro: o primeiro descreve estados, enquanto o segundo descreve eventos esperados que encerram os estados. Outra questão importante, é o fato de não localizar temporalmente eventos no momento de enunciação da fala, descrevendo assim estados passados sem que de fato tenham sido concretizados. Vê-se o exemplo a seguir.

#### Quadro 8 - exemplo aspecto prospectivo

(5) كان هدفي كلية الفنون الجميلة الذي افتتحة منذ خمسة أعوام وسيتخرج فيه ذلك العام الدفع الأولى (5)

<sup>16</sup> Imperfectivo/ 1ª pessoa/ singular/ masculino

<sup>17</sup> Prospectivo/ 3ª pessoa/ masculino/ singular

<sup>18</sup> Transliteração realizada pela autora.

<sup>19</sup> Frase original: “What is stranger is that I see him going to forgive him” (Ibn al muqaffa', 1989, p.205 *apud* Mughazy, 2015, p. 125)



**Kāna**<sup>20</sup> hadaf - ī kulliyat al-funūn al-jamīla aladī 'uftutiḥ-at<sup>21</sup> munḍu ḥamsat 'a'wām wa -sa<sup>22</sup> -yataḥarraj fī -ha fī ḍalik al-ēām ad-duf' al-'awwalā<sup>23</sup>

"Minha meta era a Faculdade de Belas Artes, que foi inaugurada cinco anos antes, e nesse ano a primeira turma se formará." (tradução nossa)<sup>24</sup>

Fonte: Dawestashy, 2010, p. 45 *apud* Mughazy, 2015, p. 127.

A respeito do aspecto perfeito, distancia-se do perfectivo na medida em que este expressa um evento que termina antes que o estado comece e aquele descreve estados e não eventos, que são consequências da culminação desses eventos. Traz em sua estrutura o perfectivo *Kaan* juntamente com outro verbo perfectivo como complemento.

Seus usos podem ser explicitados como perfeito de resultado, experiencial e recente. O perfeito de resultado, no exemplo (6), relaciona-se a verbos incoativos e a ideia de que o estado resultado implica relevância ao momento de fala/enunciação. O perfeito experiencial, no exemplo (7), relaciona-se a um uso que não especifica a localização temporal do evento no passado, ou seja, é posto de forma indefinida. O perfeito recente, no exemplo (8), utiliza-se da partícula *qad* para dar reforço e ênfase a uma construção demarcada como ocorrida recentemente.

#### Quadro 9 - exemplos aspecto perfeito<sup>25</sup>

(6) الفنان موحماد عبود كان واصلا يوم أمس من جدة (6)

<sup>20</sup> Perfectivo/3ª pessoa/ singular/ masculino

<sup>21</sup> Perfectivo Passivo/ 3ª pessoa/ feminino/singular

<sup>22</sup> Partícula com ideia prospectiva

<sup>23</sup> Transliteração realizada pela autora.

<sup>24</sup> Frase original: "My goal was the College of Fine Arts Which opened five years earlier, and in the year the first class will graduate" (Dawestashy, 2010, p. 45 *apud* Mughazy, 2015, p. 127)

<sup>25</sup> Transliterações das frases apresentadas realizadas pela autora.

al- fanān mūḥāmād ‘abdū **kāna**<sup>26</sup> **waṣala**<sup>27</sup> yawm ’amsi min jida.

“O artista Muhammad Abdu **chegou** de Jida ontem.” (tradução nossa)<sup>28</sup>

(7) **كنت حكايت لي أنّ العامر صنف كتب**

**kun-ta**<sup>29</sup> **ḥakay-ta**<sup>30</sup> l-ī ’anna al-’āmiri **ṣannafa**<sup>31</sup> kitaab-an

“Você tinha me dito que Al-amiri escreveu um livro.”(tradução nossa)<sup>32</sup>

(8) **قد أوقد الكشاف ناراً**

**qad ’awqada**<sup>33</sup> al - kaššāf-u nār-an

“O escoteiro **fez** uma fogueira.” (tradução nossa)<sup>34</sup>

Fonte: Mughazy, 2015, p.128, 129, 130.

Além dessas especificações de aspecto, tem-se o aspecto neutro que se relaciona às descrições parciais, que não delimitam o todo do evento, indicando estágios intermediários do ponto final ou inicial de uma dada situação, ou seja, ocorre a especificação somente de um desses pontos, deixando em aberto o lado adjacente. Subdivide-se esse aspecto em: inceptivo e terminativo. O inceptivo, no exemplo (9), indica o ponto inicial e é iniciado em sua estrutura por um verbo perfectivo; o terminativo, no exemplo (10), como o nome indica, demarca o ponto final de uma situação, sendo encabeçado por um verbo imperfectivo que dá a ideia de continuidade da situação.

<sup>26</sup> Perfectivo.

<sup>27</sup> Perfectivo.

<sup>28</sup> Frase original: “The artist Muhammad Abdu has arrived from Jeddah yesterday” (Al-Riyadh, 2005 apud Mughazy, 2015, p. 128)

<sup>29</sup> Perfectivo/ 2ª pessoa/ singular/ masculino

<sup>30</sup> Perfectivo/ 2ª pessoa/ singular/ masculino

<sup>31</sup> Perfectivo/ 3ª pessoa/ singular/ masculino

<sup>32</sup> Frase original: “You had told me that Al-amiri wrote a book” (Al-Tawḥīdi, 2007, p.118 apud Mughazy, 2015, p. 129)

<sup>33</sup> Perfectivo/ 3ª pessoa/ singular/ masculino/

<sup>34</sup> Frase original: “The Boy Scout has built a fire” (Mughazy, 2015, p. 130)

Quadro 10 - exemplos aspecto neutro <sup>35</sup>

<p>(9) كان يكتب رسالة (9)</p> <p><b>kāna<sup>36</sup> yaktub-u<sup>37</sup> risālat-an</b></p> <p>“Ele <b>estava escrevendo</b> uma carta” (tradução nossa)<sup>38</sup></p>
<p>(10) ظلّ يعمل حتّى الصّباح (10)</p> <p><b>dalla<sup>39</sup> yaʿmal-u<sup>40</sup> ḥatà ʿaṣ-ṣabaah</b></p> <p>“Ele <b>continuou trabalhando</b> até a/de manhã”(tradução nossa)<sup>41</sup></p>

Fonte: Mughazy, 2015, p.132.

## 1.2 O aspecto em Português

Esta categoria léxico-sintática, a saber o aspecto verbal, é uma das dimensões conceituais expressas pelo verbo, como também as noções de tempo, modo, voz, pessoa e número (Castilho, 1968, p.13). O aspecto verbal expressa uma visão mais objetiva a respeito dos processos e estados do verbo, juntamente relacionados às ideias de duração ou desenvolvimento dessas etapas, sendo assim, uma representação espacial desses processos do verbo, ou seja, questões internas a ele. Já a noção de tempo compreende-se como uma categoria em que esse mesmo processo verbal é localizado em um dado momento, tomando como referência o falante e o momento em que se situa e o desenvolvimento de outros processos, demarcando assim, o deslocamento discursivo feito pelo falante para o passado ou para o futuro, ou seja, questões externas ao processo (Castilho, 1968, p. 14, 15).

<sup>35</sup> Transliterações das frases apresentadas realizadas pela autora.

<sup>36</sup> Perfectivo/ 3ª pessoa/ singular/ masculino

<sup>37</sup> Imperfectivo/ 3ª pessoa/ singular/ masculino

<sup>38</sup> Frase original: “He was writing a letter” (Mughazy, 2015, p. 132)

<sup>39</sup> Perfectivo/ 3ª pessoa/ masculino.

<sup>40</sup> Imperfectivo/ 3ª pessoa/ singular/ masculino.

<sup>41</sup> Frase original: “He kept working until the morning” (Mughazy, 2015, p. 132)

Contribuindo com essas questões composicionais a respeito da categoria de aspecto, Travaglia define-a como “[...] categoria de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou as suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação” (Travaglia, 2016, p.42). Sobre a relação de TEMPO, caracteriza-a como a noção abstrata e geral da qual se faz do tempo, que não faz menção à uma marcação de tempo definido pela indicação do verbo ou de algum termo que desempenhe essa função de localização temporal (Travaglia, 2016, p. 40 ).

Dada a existência de um quadro verbal amplo, sobre as manifestações aspectuais em português, Azeredo (2010, p.132) explicita como formas de representar essa noção em português, de forma resumida, três itens: a) oposição entre o perfectivo, nos tempos pretéritos perfeito e mais que perfeito, e o imperfectivo, no pretérito imperfeito (jogou/ jogara x jogava, b) entre as formas perifrásticas de “estar +gerúndio” em oposição às formas simples (joga x está jogando); e c) entre as formas compostas com ter + particípio e as formas imperfectivas simples (joga x tem jogado).

Dessa forma, a respeito dos recursos utilizados na língua portuguesa que possibilitam a expressão do aspecto, tem-se como elementos representacionais dessa categoria o sentido do verbo, as flexões temporais empregadas, o acompanhamento de adjuntos adverbiais e certos tipos oracionais, caracterizando-a como uma categoria de ordem léxico-sintática (Castilho, 1968, p.55).

Para o autor, a perspectiva de aspecto no português engloba tanto uma realidade lexical, em que se toma os semantemas do verbo como valor semântico de sua percepção, quanto uma realidade morfológica, em que se utiliza as flexões verbais e as perífrases para sua expressão (Castilho, 1968, p.40, 44).

Em Português, tem-se o sentido próprio do verbo como uma das formas de representação da expressão do aspecto, os semantemas, relacionados ao nível semântico, lexical, de ordem do significado do verbo, são de grande importância na expressão e classificação dessa categoria. Nessa linha, há dois tipos de semantemas que exprimem noções de telicidade dos verbos.

Dessa forma, esta noção de telicidade na língua Portuguesa torna-se ponto de grande relevância para a análise do processo em completamento e duração, por exemplo. Esses verbos quanto à telicidade classificam-se como télicos aqueles que “[...] exprimem ação tendente a um fim, sem o qual essa ação não se dá [...]”, tendo como alguns exemplos os verbos matar, morrer e

cair e como atélicos os que “[...] figurando o processo em sua duração da qual não se exige completamento para admitir-lhe a existência”, tendo como alguns exemplos os verbos mastigar, viver e escrever (Castilho, 1968, p.55).

À respeito das possibilidades de expressão de aspecto na língua portuguesa, Castilho (1968) empenhou um levantamento do quadro aspectual da língua e os recursos linguísticos de que se lançava mão para expressar as noções aspectuais pretendidas e dentre o levantamento feito por meio da análise de exemplos, elencou como principais noções aspectuais no português o imperfectivo, o perfectivo, o iterativo e o indeterminado com os respectivos valores, duração, completamento, repetição e neutralidade (Castilho, 1968, p. 49, 50).

Travaglia (2016) empreende uma investigação de mesma temática aspectual, apresentando também um quadro aspectual do português. Em seu quadro principal, além daqueles propostos por Castilho, acresce as terminologias de durativo; habitual; pontual; não começado; não acabado ou começado; acabado; inceptivo; cursivo; terminativo; não aspecto e atualização do aspecto. De certa forma, alguns desses termos também vão compor o quadro apresentado por Castilho, no entanto não como modulações e subdivisões de outros aspectos (Travaglia, 2016, p. 83).

Dessa forma, dentro dessas noções apontadas, Castilho (1968, p.62, 67), em seu quadro aspectual, chama a atenção para a existência de nuances que originam subdivisões para cada uma delas. Por exemplo, a categoria aspectual do imperfectivo, com valor durativo, apresenta modulações, como o imperfectivo inceptivo em que se tem a marcação do princípio de ocorrência do evento expressos pelos semantemas de verbos como: começar, encetar e principiar, podendo-se especificar ainda mais a respeito dessa inceptividade quando o evento tem seu princípio demarcado e quando esse princípio de evento é seguido de uma mudança de estado, nomeando-o de inceptivo incoativo, podendo ter a ideia de incoação indicada em português pelos morfemas-afixos *-ecer*, como em: amanhecer e empalidecer; e *-ejar*, como em: fraquejar e palejar.

Ainda a respeito do valor de duração, tem-se o imperfectivo cursivo e o terminativo, em que no primeiro se concebe o processo em seu fluxo de desenvolvimento em curso, expressando-se pelos semantemas de verbos como: preocupar, prosseguir, enganar, andar, falar e demorar ou demarcando sua gradação, expressando-se pelos semantemas de verbos como:

estreitar, aumentar, diminuir e multiplicar; no segundo, marca-se a terminação processual do evento (Castilho, 1968, p.69, 76).

Travaglia (2016, p.85), ao fazer menção ao aspecto imperfectivo, aponta como características a incompletude e a não apresentação do todo da situação, fazendo com que uma das fases de seu desenvolvimento seja expresso, diferindo do imperfectivo ao afigurar-se como uma situação vista de dentro. Como exemplos, o autor traz as seguintes frases: “**Estou escrevendo** há dois dias e **começo a sentir-me** fatigado”; “Seus atos **vêm** escandalizando a todos”.

O perfectivo, relacionado à ideia de completamento, em que se expõe as exatas indicações do ponto de início e final do dado processo, segundo Castilho (1968, p. 50) pode-se subdividir em perfectivo pontual, resultativo e cessativo. O primeiro pode ser representado por uma ideia de precisão do processo, o resultativo vem como um desdobramento da finalização da ação e o último é relacionado ao fator de negação que se vincula ao presente oriundo da ação do verbo.

Travaglia (2016, p.84) caracteriza o aspecto perfectivo também como uma situação completa, que se apresenta em sua totalidade, sendo vista de fora, como um todo em bloco, podendo ser exemplificadas pelas seguintes frases: “Antônio ouviu música o dia todo”; “Maria **ficou olhando** as fotos por várias horas”.

O aspecto iterativo, para Castilho (1968, p.50), marca o valor de repetição da ação verbal, quer sejam elas durativas ou pontuais, apresentando-se como uma noção intermediária aos aspectos imperfectivo e perfectivo.

Por último, nessa sequência de Castilho (1968, p. 50) tem-se o aspecto indeterminado, que define-se assim pela ausência de características que o relacione à noção perfectiva ou à imperfectiva, ou seja, não apresenta marcações relacionadas à duração ou completamento, não permitindo também leituras temporais nem aspectuais.

Por outro lado, Travaglia (2016, p.87), embora também apresente o aspecto indeterminado, trazendo-o com essa mesma nomenclatura, diferentemente de Castilho, define-o como envolvendo uma situação em que se tem uma duração contínua ilimitada, ou seja, possui nuances atemporais que podem ser interpretadas como cláusulas universais, sendo exemplificada com: “Eu **trabalho** em uma loja de peças”.

Um aspecto de nomenclatura distinta ao do indeterminado, mas que aparenta apresentar ideia próxima à apontada por Castilho, em Travaglia, é o não aspecto em que não há a marcação

de alguma noção aspectual na frase, não sendo possível a percepção de questões como duração ou fases de desenvolvimento (Travaglia, 2016, p.100).

Como dito anteriormente, em seu quadro aspectual do Português, Travaglia (2016) traz alguns dos termos também propostos por Castilho (1968), mas não como modulações e subdivisões de outros aspectos, sendo as terminologias de durativo; habitual; pontual; não começado; não acabado ou começado; acabado; inceptivo; cursivo; terminativo e não aspecto (Travaglia, 2016, p. 83). A seguir, pretende-se apresentar a definição de cada uma dessas noções aspectuais apontadas pelo autor.

O aspecto durativo implica uma situação com uma duração contínua limitada. Como exemplo de frase o autor traz: “Ele **estava nadando** desde às 6 horas da manhã”.

O aspecto habitual exprime-se por uma situação de duração descontínua e ilimitada, como exemplo pode-se ter: “Quando fica nervoso, Rafael **desata a engolir** tudo o que é comestível que encontra pela frente.”

Para apresentar uma situação que não se tem a duração linguisticamente expressa no enunciado, atribui-se o aspecto pontual, como se vê em: “Desconsiderado em sua terra, Marcos **vai** para o Rio, estuda e anos mais tarde, quando volta, se **surpreende** com o tratamento que lhe dispensavam”.

Quando remete-se a algo que está por começar, tem-se o aspecto não começado, em que se infere que há ou teve-se a intenção de efetuar a situação, como em: “Este livro **ficou por ler**, pois não tive tempo”. Ao contrário deste, o aspecto não acabado ou começado apresenta-se com uma situação em seu processo de realização, como pode-se ver em: “**Estou lendo** um livro interessante”. O aspecto acabado por outro lado, aponta a situação após seu processo de realização, concluída e terminada, como: “Maria **leu** o livro”.

No caso da situação ter a marcação de suas primícias de desenvolvimento, tem-se o aspecto inceptivo, em que se faz menção ao início desta, como pode-se ver em: “Estou escrevendo há dias e **começo a sentir-me** fatigado”.

Com a situação em seu pleno desenvolvimento, especificamente no meio de seu processo, o aspecto cursivo é expresso, como a seguir: “José **lia** um romance quando sua irmã chegou”.

Por fim, o aspecto terminativo apresenta a situação no fim de seu desenvolvimento, como: “Raquel **terminava de escrever** a carta quando o telefone tocou”.

Aprofundando o estudo das possibilidades de expressões e das diversas tonalidades do aspecto no português, além dos autores apresentados, pode-se verificar em Othon Moacir Garcia (2010, p. 45) uma detalhada abordagem de nuances aspectuais explicitadas por perífrases verbais e pelas tonalidades aspectuais nos tempos verbais simples e compostos do português, que acrescentam perspectivas quanto ao desenrolamento do tema. O autor apresenta a definição de aspecto como “uma representação mental que o sujeito falante faz do processo verbal como duração [...]. É a modalidade da ação, a sua maneira de ser, que não se deve confundir com o modo verbal propriamente dito” (Garcia, 2010, p. 45). As ideias evocadas por Garcia (2010), por meio da menção à “representação mental” e “modalidade da ação”, ajudam a perceber as possibilidades que o falante tem de conceber o processo verbal e imprimir-lhe sua subjetividade, não tratando-se de haver uma total autonomia propriamente dita, mas sim, para o falante, a influência de elementos na língua e do ponto de perspectiva de que cabe realçar o processamento de tempo interno a depender do contexto linguístico que o cerca.

Diante disso, Travaglia (2016, p. 30) aponta que Garcia (2010) mescla a definição de aspecto com a da categoria de modalidade e traz noções semânticas que não têm a ver com a categoria verbal, alegando que dentre as nuances aspectuais apresentadas, somente as de duração, iteração, incoação, cessação ou terminação, habitualidade ou frequência são aquelas noções verdadeiramente aspectuais percorridas por Garcia, no entanto, no presente trabalho, percebe-se a utilização da modalização como uma abordagem pertinente para a ajuda na expressão do aspecto pelo falante, possibilitando uma maior contribuição para o detalhamento dessa representação mental, a partir da modalização, para a expressão das nuances aspectuais, ocorrendo assim uma cooperação entre os elementos.

Os apontamentos de Garcia (2010, p. 45-47) sobre a expressão do aspecto em português indicam que dá-se por meio de perífrases verbais denotadoras de aspecto e pelas tonalidades aspectuais expressas pelos tempos verbais simples e compostos.

O primeiro grupo exprime noções como duração, referindo-se às ideias de progressão, decurso e frequência, expressas por meio de construções, como: “*estar + gerúndio/infinitivo*”, podendo também ocorrer no lugar do verbo *estar*, os seguintes auxiliares modais: andar, viver, continuar e ficar, exemplificadas em: “**Estou trabalhando**”, “Ele **anda falando** mal de você”, “Ela **vive reclamando**”, “Nós **continuamos esperando**”. Por sua vez, a nuance de iteração, uma ideia de repetição, pode ser veiculada por meio de expressões, como: “*tornar a/ voltar a*”, como



nos exemplos, a seguir, apontados pelo autor: “**Tornou a** dizer”, “**Voltou a** tocar no assunto”. Outro elemento que pode trazer o sentido de repetição é o prefixo *-re*, como em: refazer, reler e retransmitir.

A noção de ação iniciada, mas não concluída ainda, vem por meio da nuance de incoação, podendo ser expressa pelas construções “*começar a + infinitivo*”, como em: “Eles **começaram a** discutir” e também por meio do prefixo *-ecer* e *-escer*, em: amanhecer, amadurecer, convalescer, recrudescer e envelhecer, que em sua essência traz a ideia de “*começar a ficar velho*”.

Para se remeter a uma ação que acabou, traz-se a representação da ideia de cessação, fazendo uso de expressões, por exemplo, como: acabar de, cessar de, deixar de e parar de, como vê-se nos seguintes exemplos: “Só **acabou de** escrever a carta na manhã seguinte”, “O coração **cessou de** pulsar”, “Ele **deixou de** (ou parou de) beber”, “Ele **acaba de** chegar”.

A ideia de causação é atribuída à uma ação que é causa de outra, ocorrendo, por exemplo, por meio da seguinte estrutura com “*verbo fazer + infinitivo/ oração substantiva*”, como em: “Ele **fez (com) que eu me arrependesse**”, “você **fez** o menino **chorar**”.

Com as ideias de obrigação, compromisso, ou necessidade, expressa-se os sentidos de dever, promessa, compromisso de praticar determinada ação, por meio de estruturas como: “*precisar de/ necessitar de*”, visto em: “**Preciso de** sair”, denotando uma necessidade ou imposição externa.

Já a volição, usada para expressar desejo, vontade ou intenção de praticar uma dada ação, pode-se ser apresentada por meio do verbo “querer”, por exemplo, como em: “Muitos **querem** saber, mas poucos **querem** estudar”.

Para expressar o aspecto permissivo, utiliza-se “*deixar/permitir/autorizar*”, como vê-se na passagem: “Não **permita** Deus que eu morra/ sem que eu volte para lá”.

Às ideias de possibilidade e capacidade, pode-se recorrer aos verbos “*poder/ saber*”, como na frase: “Nem todos **sabem** o que querem, e poucos **podem** fazer o que desejam”.

Com o intuito de elucidar as ideias de esforço, impulso e movimento empenhado na realização de ações, há a nuance de conação, que pode ser expressa por meio do verbo “*tentar/ir/ vir*”, como em: “**Vamos** ver o que é possível fazer, **venha** procurar-me amanhã, vou me preparar”.

A ideia de iminência, uma ação que está próxima de ocorrer, pode ser expressa por “*ir/ estar + infinitivo*”, como vê-se em: “Ele **vai** (ou está para) casar.” Por outro lado, a ideia de resultado, usa-se os auxiliares “*acabar por + infinitivo/ gerúndio*”, *chegar a/chegar ao ponto de/*

*vir a + infinitivo*”, trazendo em si uma ideia de consequência também, como em: “A discussão foi tão ardorosa, que eles **acabaram por** (*chegaram a* ou *ao ponto de*) se agredir. Mas depois **acabaram se desculpando**”.

Referente ao segundo grupo, a respeito das nuances aspectuais dos tempos verbais, Garcia (2010) aponta como algumas das possibilidades de tonalidades aspectuais do presente do indicativo as ideias de habitualidade ou frequência, quanto à ideias universais, como em: “Chove muito no verão”; atribui também a nuance de ação próxima, como: “Amanhã não **há** aula”; de maior realce para os fatos passados, como um presente histórico em que se traz para o momento que se fala a ocorrência de um fato do passado.

Ao pretérito imperfeito do indicativo, atribui-se a expressão de simultaneidade, concomitância ou duração no passado, como se vê em: “Quando cheguei, ainda **dormias**”; e de habitualidade no passado, como: “Antigamente, a vida **era** mais fácil”. Já para o pretérito mais que perfeito simples, há a ideia de desejo e esperança, além das características mais comuns como exprimir um fato passado anterior a outro, como em: “Ah! Quem me dera recuperar o tempo perdido!”.

Com ideias de probabilidade, incerteza e cálculo aproximado, no futuro do presente, há como exemplo a frase: “**Haverá** uns 15 dias que não nos vemos” e além disso, pode também expressar situações que podem ou não acontecer e fatos que podem se repetir em períodos de tempo.

Diante disso, com essa explanação, Garcia (2010, p 47) aponta que essas mais “variadas conotações”, impressas pelos tempos verbais além de seus sentidos mais habituais e fundamentais em seus usos, mostram “matizes semânticos” a partir de uma mesma combinação de elementos desinenciais, referentes às marcações temporais e como essas mesmas camadas temporais expandem para a representação de nuances aspectuais, fazendo o autor falar na possibilidade de uma nomeação de quadro verbal de “tempo-aspectos”.

## 2 ENSINO DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

Nesta seção, apresentam-se algumas das peculiaridades que diferenciam o ensino de português como língua materna do ensino de português como língua não materna (segunda língua/língua estrangeira).

### 2.1 Peculiaridades

Em meio às distinções de nomenclaturas para o ensino de português fora de seu contexto como língua materna, vê-se que cada uma das nomenclaturas empregadas partem da ideia de visão de língua adotada e demandas dos cenários linguísticos existentes (Candian; Bessa, 2021). A seguir, discorre-se a respeito da definição de algumas delas.

O “Português como Língua Estrangeira (PLE) refere-se à Língua Portuguesa aprendida como língua estrangeira, em contexto de sala de aula, a falantes de outras línguas” (Candian; Bessa, 2021, p.385).

O Português como Língua Segunda (PL2) "refere-se à Língua Portuguesa aprendida após a primeira infância, isto é, após a aquisição da Língua Materna ou L1”, diferenciando-se do Português como Segunda Língua para Estrangeiros (PL2E) somente por esta referir-se a essa aprendizagem após a primeira infância, especificamente “[...] por pessoas que não nasceram em território de língua Portuguesa” (Candian; Bessa, 2021, p.383; Meyer, 2016).

Já a sigla PLNМ “abarca as possibilidades de atuação e pesquisa em diferentes contextos como o de ensino de PLE, com foco em alunos estrangeiros, o ensino de português escrito como segunda língua para surdos, português como segunda língua para indígenas, entre outras vertentes.” (Ribeiro *et al*, 2018, p.3 *apud* Candian; Bessa, 2021, p.382).

Diante disso, na presente pesquisa, utiliza-se as siglas acima como nomenclaturas equivalentes entre si, para serem usadas ao longo do desenvolvimento do trabalho, como forma de se referir à área.

Tendo sido abordado anteriormente a respeito da noção de aspectualidade no português, sua formação, usos e possibilidades de expressão, ao partir desse contexto do português como língua não materna (PLNM) e ao pensar a relação de uso e ensino da língua, pode-se indagar qual seria o lugar da noção de gramática, por exemplo, nesse cenário.

A princípio pode-se pensar essa noção de gramática como “[...] um conjunto potencial de estruturas, forças e símbolos que assume posições, formas e cores diferentes, a depender dos matizes impressos pelo mundo à sua volta e de sua interpretação por aqueles que interagem [...]” (Mendes, 2011, p. 144). Levando em consideração esse trecho, alguns elementos podem ser evocados como aspectos linguístico-culturais expressos como significado e atendimento de necessidades; a ideia de léxico como valores compartilhados, significados veiculados, fenômeno mental e reflexo de experiência histórica e seleção de uso pelos falantes. Com isso, infere-se uma dimensão de gramática voltada para a ideia de usos, possibilidades, subjetivação a partir da orientação na língua para a seleção de elementos nesse conjunto potencial de estruturas e formas.

Essas ideias evocam o que se pode definir em Mendes (2011) como a ideia de *língua-cultura*, possibilidade conceitual que pode ajudar no entendimento dessa noção de gramática e o lugar que desempenha na construção de insumo para os aprendizes estrangeiros de português. Dessa forma, configura-se como

[...] um fenômeno social e simbólico de construção da realidade que nos cerca, é o modo de construirmos os nossos pensamentos e estruturarmos as nossas ações e experiências e as partilharmos com os outros. Esse sistema complexo, quando em movimento e em fluxo de trocas simbólicas, envolve diferentes níveis de estruturas formais, como os aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, as unidades de sons e suas representações gráficas, assim como um sistema de normas e regras de organização e combinação dessas estruturas [...] junto com isso, envolve um conjunto de códigos sociais e culturais que inclui tudo o que nós fazemos com o nosso corpo, com a nossa voz e com nossos movimentos quando nos comunicamos[...] (Mendes, 2011, p. 143)

Com isso, chamando a atenção para a ideia de organização e combinação das estruturas linguísticas, e tendo como molde códigos sócio-culturais, que possibilitam ao falante agir sobre o meio e partilhar enunciados significativos com o outro em diversos contextos, vê-se que questões formais, semânticas, discursivas e cognitivas circundam de forma proeminente essa ideia de gramática nesse cenário de PLNM.

Santos (2016), a respeito desta questão, discorre sobre a perspectiva de gramática comunicativa em que, desta forma, a descrição da gramática de uma língua deve ir além da

descrição dos elementos que compõem o sistema dessa língua (Santos, 2016, p.106), mencionando Suso Lopez (2004) a respeito da relação entre descrição, regras e usos da língua visando a comunicação, em que

A descrição da gramática de uma língua deve integrar tudo o que esteja envolvido no funcionamento da língua em situação de comunicação: as regras derivadas dos usos, as regras segundo as quais a comunicação ocorre, as modalidades dos discursos e dos textos que os locutores interiorizaram e que utilizam continuamente [...]. Neste sentido, possuir a “gramática” de uma língua equivale a possuir uma competência interiorizada dessa língua (Suso Lopez, 2004, p. 230 *apud* Santos, 2016, p.107)

A partir dessas elucidações, tendo em vista o contexto de português como língua não materna (PLNM), vislumbram-se as necessidades de se mostrar, explicitar essas dimensões semântico-pragmáticas da categoria de aspecto verbal do português brasileiro por meio de um processo de ensino/aprendizagem em que se cria bases para refletir sobre a língua alvo, seus usos e os múltiplos aspectos linguístico-culturais do português brasileiro com o intuito de se construir nuances para se criar parâmetros para o aprendente de português, possibilitando também oportunos caminhos, passos comparativos com a Língua primeira desse aprendente, ampliando esse processo reflexivo do fazer linguístico, como exemplifica:

É pelo funcionamento real da língua que o processo de produção de sentido se torna significativo, dependendo este de parâmetros linguísticos, sociais e culturais da língua-alvo que vão sendo descobertos pelo aprendiz. Refletindo sobre o conhecimento linguístico em uso da língua-alvo, o aprendiz faz comparações com a própria língua. (Grosso, 2008, p.111 *apud* Silva, F., 2016, p. 20).

Por meio desse trabalho de visão mais dialógica entre ambas língua-culturas pelo(a) professor(a), possibilitando o despertar de interesses por meio desses processamentos de vinculação e desvinculação entre ambas, baseando-se na noção de convencionalidades e atribuições de sentidos (Mendes, 2011, p. 148), pode auxiliar em como as dimensões sobre as noções de descrição e articulação das unidades da língua de maneira formal, funcional e semântica (Martins; Martins, ,2019, p.56) podem aparecer em sala da melhor forma a contribuir para a percepção de construções de sentidos no fazer linguístico.

Dessa forma, Mendes (2011, p. 150, 151) assinala que a sistematização da forma, levando em consideração contextos significativos de uso, com o intuito de fomentar uma reflexão (Polguere, [1959] 2016, p. 18) e análise metalinguística, pode fornecer ao aluno ferramentas

importantes para a expansão de suas habilidades, inferindo ideias, utilizando dúvidas, curiosidades e necessidades como elementos motivadores de interações linguísticas contextualizadas que inserem insumos nas redes de significados do aprendente, dados estes que codificam a fala (no sentido de expressar-se pela língua) no léxico da língua, ligando-a aos seus contextos enunciativos, por meio do desenvolvimento da competência pragmática, que possibilita interpretá-los nas condições devidas (Polguere, [1959] 2016, p. 257, 258).

## **2.2 Abordagem comunicativa**

Em uma revisão histórica dos métodos de ensino de línguas estrangeiras, pode-se encontrar diversas formas de mecanismos implementados para o desenvolvimento desse processo na língua alvo. Em cada um deles as noções que pautam as escolhas e diretrizes são precedidas por uma ideia de língua e linguagem adotadas como base consciente ou inconsciente na tomada de ações práticas.

A respeito das abordagens de ensino, hoje fala-se de um ensino comunicativo de idiomas, uma abordagem comunicativa. O fim dos anos 70 e o começo dos anos 80 foram marcados por observações e reflexões, no campo de métodos de ensino, quanto à percepção de que a capacidade de se comunicar na língua alvo exigia dos aprendizes habilidades que iam além do manejo de estruturas linguísticas, uma competência linguística, requerendo o desempenho de funções tais como convidar e recusar convites, por exemplo, ou seja um agir social na língua, o desenvolvimento de uma competência comunicativa. Neste contexto, surge a abordagem comunicativa, em que se tem como objetivo um maior desenvolvimento da competência comunicativa (Larsen- Freeman; Anderson, [1986] 2011, p. 152).

Dentre as características importantes para esse ensino comunicativo, tem-se objetivos como incentivar o uso do idioma alvo na comunicação dos aprendizes em contextos sociais demarcados que possibilitam o gerenciamento das diversas variedades da língua, fazendo com que o aprendiz tenha que lidar com a negociação de significados e funções linguísticas nessas interações, sendo o professor um mediador e facilitador desse processo e os aprendizes

articuladores da bagagem de seus conhecimentos na língua (Larsen- Freeman; Anderson, [1986] 2011, p. 161, 163).

Dessa forma, reforça-se que os elementos que compõem a competência linguística, como aqueles presentes no sistema da língua, configuram-se como um dos fragmentos que formam a competência comunicativa, tendo como possibilidade o trabalho coordenado entre formas e funções (Larsen- Freeman; Anderson, [1986] 2011, p. 161, 163).

Tem-se na perspectiva adotada na Abordagem comunicativa uma possibilidade do aprendiz adquirir regras formais e funcionais da língua, manifestando-as em seus diversos contextos de usos com objetivo comunicativo (Hymes, 1972), assim o conceito de Competência Comunicativa expressa-se como não apenas a habilidade em "[...] compor e compreender as frases corretas como unidades linguísticas isoladas de ocorrência aleatória; mas também como utilizar as frases de forma apropriada para atingir objetivos comunicativos" (Widdowson, 1978). Com o intuito de "[...] observar as condições de uso da língua em situações reais de comunicação, [...] se põe em evidência a chamada competência comunicativa ou pragmática, considerando agora as relações entre forma e função, entre os fatores gramaticais e sociais" (Martelota, 2012, p.88).

Em decorrência da ênfase no desenvolvimento das possibilidades do aprendiz obter insumos sobre os princípios formais e de funcionamento da língua-alvo ao ter contato com as condições de usos dos elementos linguístico, com o intuito de se alcançar a interiorização das competências da língua, entende-se nesta pesquisa a abordagem comunicativa e, sobretudo, o desenvolvimento de uma competência comunicativa como uma perspectiva produtiva quanto ao ensino das nuances aspectuais no contexto de PLNМ.

Adotando essa perspectiva em um ensino de aspectualidade, com essa abordagem comunicativa e, conseqüentemente, o desenvolvimento de uma competência comunicativa, é importante que esse aluno de PLNМ entenda o funcionamento dessa noção de aspectualidade no português brasileiro.

A partir disso, não pode-se deixar de lado num ensino de aspectualidade com essa abordagem comunicativa elementos como o foco nos efeitos de sentido; possibilidades de usos; nuances de composição de cada um dos grupos de categorias da noção de aspectualidade no português brasileiro; como também os valores dessas categorias; suas modulações e marcações

de ocorrências linguísticas quanto à correlação com as diversas formas verbais pelas quais tais noções aspectuais podem ser expressas e os efeitos enunciativos dessas construções.

Dito isto, o conhecimento e apontamentos sobre a língua árabe ajudam o professor a entender melhor o funcionamento das dificuldades dos alunos, oferecendo mais subsídios para que possa montar exercícios e refletir como trabalhar melhor com esse cenário, amparando sua produção de atividades para os alunos falantes nativos de árabe.

### **2.3 Os desafios de ensinar aspecto**

Castilho (1968, p. 3) observa que mesmo que o estudo do aspecto verbal apresente-se como um ambiente fértil de elaboração de teorias linguísticas, essa mesma característica encontra-se longe de ser uma vantagem, pois isso tem resultado, ao ver do autor, no obscurecimento das questões quanto ao entendimento dessa categoria em decorrência dos “muitos universos particulares que são os estudos de aspecto”, tornando assim, a tentativa de se compreender o que já tem sido feito sobre o assunto, um processo penoso por apresentar variadas convicções do que é a noção de aspecto. O que faz Travaglia (2016, p. 19) ressaltar a presença, muitas vezes, de uma superposição de quadros aspectuais de uma língua para outra, sem uma definição clara sobre a categoria ou noções que a compõem e simplesmente uma nomeação de suas variedades de valores.

Dessa forma, dadas as variedades de entendimento quanto à noção de aspecto, uma conceituação longe de ser matéria pacífica, é necessário, antes de enumerar casos, explicitar o caminho conceitual de que se parte, para se evitar uma multiplicidade de interpretações indevidas (Castilho, 2010, p. 39).

Fellipe Silva (2016, p. 19-20) menciona, em seu trabalho analítico-descritivo da aspectualidade do pretérito perfeito composto no português brasileiro, uma certa dificuldade por parte dos aprendizes de PLNМ quanto ao entendimento dos usos das formas verbais em língua portuguesa, sobretudo quando essa compreensão relaciona-se às noções aspectuais expressas por estas, em decorrência muitas vezes de se levar em conta apenas as informações de natureza



formal dessas composições linguísticas, apontando a necessidade da incorporação de informações de ordem pragmática, semântica e sintática ao trabalhar a categoria nesse contexto de ensino.

A marcação do aspecto, diferentemente da categoria de tempo verbal, normalmente não se dá por meio de formas ou flexões próprias a essas funções, raras sendo as línguas que a possuem (Garcia, 2010, p. 45), fazendo uso de um quadro verbal, construções subsidiárias e utensílios gramaticais para a expressão da categoria aspectual como menciona Garcia (2010, p. 45):

Aquelas línguas que, como o português, não dispõem, no quadro da sua conjugação verbal, de formas exclusivas para indicar o aspecto, ou as têm em número insignificante, servem-se de construções subsidiárias, como as chamadas perífrases ou locuções verbais, quando não de certos utensílios gramaticais adequados a esse mister (Garcia, 2010, p. 45).

Dessa forma, com a existência de um quadro verbal amplo, Azeredo (2010, p.132), sobre as manifestações aspectuais em português, explicita como formas de representar essa noção na língua, de forma resumida, três itens: a) oposição entre o perfectivo, nos tempos pretéritos perfeito e mais que perfeito, e o imperfectivo, no pretérito imperfeito (jogou/ jogara x jogava, b) entre as formas perífrásticas de “estar +gerúndio” em oposição às formas simples (joga x está jogando); e c) entre as formas compostas com ter + particípio e as formas imperfectivas simples (joga x tem jogado).

Com isso, vê-se que dentre os recursos utilizados na língua portuguesa como possibilidade da expressão do aspecto, tem-se como elementos representacionais dessa categoria o sentido do verbo, as flexões temporais empregadas, o acompanhamento de adjuntos adverbiais e certos tipos oracionais, caracterizando-a como uma categoria de ordem léxico-sintática (Castilho, 1968, p.55).

Diante desse campo múltiplo de estudo e ensino da noção de aspecto, quanto às nomenclaturas, formas de expressão, os variados elementos que fazem parte da composição de análise aspectual, como elementos pragmáticos, semânticos e sintáticos, no contexto de PLN, intensificam-se as necessidades de se trabalhar com a explicitação das dimensões semântico-pragmáticas da categoria do aspecto verbal no português brasileiro por meio de um ensino-aprendizagem que dê mais ênfase aos usos, nuances e efeitos dos valores aspectuais, ressaltando suas afinidades de sentido, para se criar parâmetros e insumos do que seria a gama de

noção da aspectualidade para o aprendente de português, por meio do processo reflexivo e comparativo nas interações linguísticas, concernente à junção de descrição e ensino.

#### **2.4 Português para estrangeiros, falantes de árabe**

Como dito ao longo do trabalho, o ensino de Português como Língua Não Materna, tendo como foco o ensino de português do Brasil a estrangeiros, tem como objetivo atender-se às necessidades dos aprendizes, tendo em vista que partem de um lugar outro da língua, para mostrar as dimensões do funcionamento da língua-alvo, com o intuito de se criar bases para refletir sobre as possibilidades de usos e os múltiplos aspectos linguístico-culturais do português brasileiro, criando-se parâmetros para o aprendente de português, por meio da comparação com sua língua materna, por exemplo. Especificando esse contexto de ensino do português para falantes nativos de árabe, consideram-se características a serem experienciadas neste processo, questões de proximidade ou afastamento das dinâmicas linguístico-culturais entre o português brasileiro e a língua árabe.

Observando esse processo de ensino-aprendizagem de PLNМ para falantes nativos de árabe, Bianca Graziela Silva (2016, p.16) apresenta uma reflexão sobre as especificidades e alguns problemas de aprendizagem desses aprendentes por possíveis interferências de sua língua materna, no caso do contexto estudado pela autora, mais precisamente, sob a influência do árabe coloquial egípcio, pensando o uso da língua adequado à situações e indissociado das ideias de língua e cultura, considerando princípios de uma abordagem comunicativa. Dessa forma, ressalta-se a inexistência na língua árabe de sons como o /p/ e /v/, encontros consonantais (pr e br) e dígrafos (gu e qu) e a não explicitação do verbo ser em usos do presente do indicativo.

Dentre algumas das questões desses aprendizes, são apontadas pela autora: problemas fonético-ortográficos com as vogais, devido ao português apresentar sete sons vocálicos orais e o árabe apresentar três sons vocálicos orais, com algumas variações; problemas semântico-lexicais com o verbo tomar, devido a multiplicidade de usos do verbo; problemas morfossintáticos quanto à concordância de gênero, pela não relação unívoca das palavras entre as línguas; confusões entre

o verbo ser e estar; problemas semânticos e morfossintáticos de confusão entre o imperativo e o subjuntivo e problemas morfossintáticos quanto aos tempos verbais no passado.

Na língua árabe, o verbo ser/estar somente é explicitado nas sentenças com usos em contextos de tempo passado e tempo futuro, e no tempo presente é usado somente como verbo auxiliar. Dessa forma, sentenças que expressam em árabe as ideias de estado, condição e circunstância, como em frases do tipo em português: “ Eu sou brasileiro/ Eu estou doente/ Eu sou do Egito/ Eu estou feliz”, não utilizam o verbo ser/estar (Silva, B., 2016, p. 20). Ademais, sobre a experiência de ensino de PLNM para esses falantes nativos de árabe em questão, Bianca Graziela Silva (2016, p. 20) apontou que os alunos apresentaram problemas quanto à diferença de sentidos entre os verbos ser e estar em frases, por exemplo, como: “Eu sou doente/ Eu estou doente”, em que a primeira frase traz a expressão do processo verbal como algo permanente e a segunda, a expressão do processo verbal como uma situação temporária, sendo assim, as diferenças seriam marcadas na língua árabe por meio de distintos adjetivos, a depender dos contextos comunicativos, e ainda pelo uso de partículas, com o intuito de indicar a não alteração de um estado.

A respeito dos problemas com os tempos verbais no passado em português, verifica-se que estas dúvidas apresentadas por esses falantes de árabe egípcio podem emergir da diferença entre as ideias de Perfeito e Imperfeito, decorrentes, possivelmente, “[...] ao fato de, na língua árabe, só haver duas conjugações, o perfectivo (o pretérito perfeito) e o imperfectivo”(Silva, B., 2016, p. 16), dessa forma, todas as outras noções verbais, como: pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito, futuro do presente e do pretérito, por sua vez, o subjuntivo e o imperativo, vêm da formação por meio do imperfectivo junto aos verbos auxiliares, como o verbo ser, partículas e advérbios (Silva, B., 2016, p. 16).

As questões abordadas pela autora corroboram com resultados observados a partir de uma atividade elaborada em sala de aula, sobre a narração de uma história a partir de tirinhas, como pode-se ver na tabela apresentada a seguir, em que se traz os dados baseados nessa atividade:

Quadro 11 - Dificuldades dos alunos quanto ao uso verbal em Português<sup>42</sup>

Categorias:	Exemplo 1:	Exemplo 2:
(1) Não expressão do verbo estar	<i>O monica [estava] sentado de baixo da árvore</i>	
(2) Uso do presente pelo passado	ela se aproximou dela e <i>faz</i> um barulho para assustá-la	ela <i>fica</i> nervosa e ele <i>sorri</i>
(3) Uso do pretérito imperfeito do indicativo pelo futuro do pretérito do indicativo do verbo ficar	e <i>desistou</i> de levanta o peso <i>tive</i> uma ideia Rami <i>ficava</i> de cabeça para baixo	

Fonte: A autora, 2023.

Pode-se observar na tabela questões como a não explicitação do verbo estar e alternâncias de alguns usos de tempos verbais. Tendo em vista isso, destaca-se como uma das questões que mais geram dificuldades quanto ao ensino da noção aspectual no português o uso, construções de enunciados com equívoco nas relações de aspectualidade, em alguns casos, a alternância entre formas verbais que conseqüentemente modificam as noções de perfectividade e imperfectividade que, empregadas em certos contextos, podem prejudicar o entendimento dessas noções em seus diversos enquadramentos, como em contextos narrativo-discursivos, por exemplo.

<sup>42</sup> Informações retiradas da produção escrita de alunos falantes nativos de árabe, em uma atividade em sala de aula para contar o que aconteceu nas imagens, utilizando os quadrinhos da Turma da Mônica apresentados aos alunos.

### 3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Como parte dos procedimentos metodológicos, optou-se por transcrever reportagens publicadas em vídeo no site do *Youtube* em que falantes de árabe contam sobre suas vidas.

Por meio dessas reportagens, nesses contextos narrativo-discursivos, pode-se ter acesso aos usos que esses falantes fazem dos verbos em português no decurso das interações linguísticas autênticas. Dessa forma, os vídeos proporcionam acesso a um leque de usos das formas verbais e de suas nuances aspectuais no português, mostrando como estão sendo empregadas por esses falantes nativos de árabe.

Vale ressaltar que esses ambientes não são interações de sala de aula em que, normalmente, há a proposição de exercícios para o alcance de certos objetivos. Alguns dos entrevistados relatam o contato com ambientes formais de aprendizado do português por determinados períodos de tempo; e outros mencionam um aprendizado informal da língua por meio do contato com brasileiros, por exemplo.

Estes espaços de interação podem criar nos entrevistados um menor monitoramento ou não sobre a língua-alvo, sendo pertinente atentar-se também ao possível conhecimento de outras línguas estrangeiras por parte dos entrevistados e como isso também pode moldar a relação com o aprendizado do português.

Dessa forma, o corpus que possibilitará a análise e desenvolvimento desta pesquisa serão reportagens publicadas em vídeo, coletadas de forma online da plataforma de compartilhamento de vídeos do *Youtube*, que foi escolhida por permitir um vasto acesso aos seus dados.

Para chegar aos vídeos selecionados, utilizou-se a seguinte frase na busca textual da plataforma do youtube: falantes nativos de árabe. Com base na seleção “reportagem” foram selecionadas algumas reportagens em vídeos. Ao analisar os vídeos encontrados, percebeu-se que os com narrativas sobre a vida poderiam ser mais produtivos para ver as nuances verbais utilizadas. Dessa forma, foram selecionados sete vídeos com essa temática para serem analisados.

Os vídeos foram coletados na plataforma do *Youtube* tendo como base o caminho relatado anteriormente. O recorte temporal foi de 2013 a 2023. O critério de escolha desse recorte temporal foi a análise de períodos com acontecimentos marcantes na história recente do Mundo Árabe e seus desdobramentos para o Brasil.

Fez-se a transcrição desses vídeos selecionados e apresenta-se essas transcrições neste capítulo com o intuito de traçar apontamentos para a análise dos usos aspectuais que os falantes nativos de árabe fazem do português, expressos neles.

Para analisá-los, fez-se uso das teorias de línguas em contato, em que aborda contextos que apresentam os usos das línguas em situações de contato, podendo resultar em variações, empréstimos linguísticos e influências léxico-estruturais a depender da intensidade do contato, sendo este contato entre línguas efetuado na mente dos indivíduos em seus ambientes linguísticos (Saviedra, 2021).

Ao empenhar esta análise, busca-se nestes vídeos formas de se expressar os valores de completude e duração em português, por esses falantes de árabe, levando em consideração os usos das formas verbais e possíveis alternâncias destas como estratégias de construções que possam ter como fundo a influência da língua materna na língua estrangeira, oriundas desses contatos pontuais e também ao longo da perspectiva histórica de relação entre as línguas apresentadas, o português brasileiro e o árabe.

Ao ter-se em mente as explicações apresentadas anteriormente, a respeito da categoria de aspecto verbal no português brasileiro, por meio das combinações estruturais para representá-lo, alguns de seus efeitos de sentido, categorias, usos e os diversos pontos de vista a que se pode relacionar, se nota a complexidade e também a multiplicidade de atributos a serem levados em consideração ao pensar o ensino dessa noção, tendo-se uma dimensão do encadeamento de propriedades que compõem essa categoria tanto de ordens estruturais quanto semânticas.

Dito isto, cabe perguntar se essas alternâncias entre os tempos/aspectos em português a respeito da expressão dos valores aspectuais de completude e duração poderiam ser motivadas pela noção de perfectividade e imperfectividade na língua árabe, tendo em vista as explanações sobre as marcações de possibilidades de expressá-las em cada uma das duas línguas.

Com o intuito de discorrer mais a respeito das possíveis dificuldades apresentadas por esses aprendizes de português, também apresenta-se a seguir a transcrição das sete reportagens em vídeos selecionadas para a análise dos usos das formas verbais e das nuances aspectuais de completude e duração que falantes nativos de árabe utilizam ao contarem sobre suas vidas em território brasileiro.

Como dito anteriormente, esses vídeos fazem parte do corpus selecionado para a análise e desenvolvimento desta pesquisa e foram escolhidos como os meios pelos quais pode-se verificar os usos verbais e noções aspectuais de aprendizes de português falantes nativos de árabe.

Os símbolos utilizados na transcrição dos vídeos e seus significados, encontram-se a seguir:

Quadro 12 - Legenda dos símbolos utilizados na descrição dos vídeos

<b>Símbolo:</b>	<b>Significado:</b>
#	Supressão de algum verbo
[ ]	Elemento linguístico acrescentado ao contexto

Fonte: A autora, 2023.

Antes da apresentação das análises feitas, cabe ressaltar que as construções linguísticas selecionadas das reportagens em vídeo têm como intuito analisar as nuances aspectuais, sobretudo, de completude e de duração, nessas frases produzidas pelos falantes nativos de árabe, para verificar: (a) como eles estão realizando essas construções; (b) quais as estratégias linguísticas utilizadas; e (c) as possíveis influências de sua língua materna, o árabe, nas suas construções em português. Com o intuito do desenvolvimento do processo de entendimento, sobretudo, das nuances aspectuais de completude e de duração, algumas outras nuances podem aparecer nas análises dos exemplos, mas como forma de objetivar as principais nuances estudadas. Quando oportuno, se fará uma correlação entre as nuances aspectuais expressas no português, nos exemplos analisados, e uma possível influência da língua árabe sobre esses exemplos. As seguintes análises foram feitas com base nas explicações e comentários dos seguintes autores: Azeredo (2010), Castilho (1968), Garcia (2010), Lima (2017), Mughazy (2015) e Travaglia (2016).

Apresenta-se a seguir a transcrição das reportagens em vídeo, seguida das análises.

### 3.1 Transcrição reportagem em vídeo 1

**P1V1 - (1)** Eu tentei pra restaurante ficar aberto, mas eu não consegui, porque eu preciso pagar bastante. Por isso eu achei *pra* fechar melhor.

**P1V1 - (2)** Eu estudei português só 7 meses, mas depois eu não consigo estudar mais porque eu não tenho mais tempo para estudar e eu preciso trabalhar.

Aqui tem uma pessoa, ele brasileiro-sírio. **(3)** Ele me recebeu, eu fiquei na casa dele 3 meses (...) eu não conheço/conheci ninguém aqui no Brasil e não tenho família aqui no Brasil...

**P2V2 - (4)** Quando [eu] *chegou* aqui ... *noconhecifalar* com ninguém porque eles *fala* só português ... Pra ele também, na escola dele # difícil, porque ele *entrar* na escola, não *fala* nada português. Ele passou um pouco difícil, mas depois passou bem.

**P2V2 - (5)** Mas pra mim # difícil, eu *ficar* mais ou menos 5 meses até aprender pouco português, *fala* com pessoas português. **(6)** Também # difícil, porque *deixa* minha família, meu pai, mãe, tem 3 irmãos, 3 irmãs tudo lá na Síria, *vem* aqui é difícil.

Quadro 13 - Exemplo 1

<b>Exemplo 1</b>	
<b>Frase feita pelo falante</b>	Eu tentei pra restaurante ficar aberto, mas eu não consegui, <b>(1a) porque eu <u>preciso</u> pagar bastante.</b>
<b>Questão linguística</b>	Uso do presente ao invés do passado
<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	<b>(1b)</b> [...] porque eu <b>precisei</b> pagar bastante. <b>(1c)</b> [...] porque eu <b>precisava</b> pagar bastante.

Fonte: A autora, 2023



No exemplo (1a), há o uso do presente, possivelmente, no lugar do passado e a frase expressa nuances de obrigação, compromisso, necessidade, ideias relacionadas a um dever, um compromisso ou a obrigação, por meio de uma imposição externa ou interna, de praticar determinada ação, trazido pelo verbo “preciso”. Além disso, a frase não traz a significação de: “porque eu preciso pagar bastante agora”, ela remete a um tempo que pode ser um passado, um futuro e até um presente, ou seja, no contexto do exemplo, o falante parece expressar a necessidade recorrente de precisar pagar bastantes quantias em dinheiro, devido a burocracias, para o restaurante não fechar, e relaciona o ter que pagar quantias em dinheiro a um tempo passado, a um presente e a um futuro, dessa forma a frase (1a) configura-se como uma frase onitemporal, relacionada ao aspecto indeterminado, que expressa elementos universalizados, ou seja, que podem ser válidos no tempo em sua totalidade, e que no momento da enunciação o falante traz essa construção para o momento presente, mesmo que ela não esteja em andamento, porque, de certa forma, ela pode funcionar como uma verdade construída pelo falante por meio de suas experiências do cotidiano, podendo transformar-se em uma “afirmação de caráter geral”, como: “para um restaurante/ um comércio ficar aberto, você sempre precisa pagar bastante”. Diante disso, quanto ao valor de completamento, esta frase apresenta a situação como não concluída, e quanto ao valor de duração, como uma situação não progressiva, apresentando a situação com uma duração contínua ilimitada, que em virtude disso, pode resultar na ideia de um hábito.

Por outro lado, outras possibilidades de construções linguísticas para a frase (1a) são as frases (1b) e (1c). Essas duas frases trazem uma validação do fato narrado para o momento passado, devido se saber, por meio da narrativa do falante, que seu restaurante fechou, observando a utilização do passado dos verbos -tentei/consegui/achei-, nas duas frases ao entorno da frase (1a).

Na frase (1b), o processo expresso pelo verbo, quanto ao valor de completamento, é o de uma situação concluída e, quanto ao valor de duração, é o de uma situação não progressiva, pois não se estende no tempo, informando que a ação no passado teve uma leitura pontual e foi apresentada em sua totalidade. Em um primeiro momento, pode-se indagar a presença de “bastante” como um marcador de intensidade, no entanto ele tem a função de adjetivo, trazendo a ideia de numeroso e abundante, não incidindo sobre o verbo. Na frase (1c), o processo verbal é representado como uma situação não concluída e progressiva, quanto ao valor de completamento

e de duração, respectivamente, em que a apresenta como incompleta, em uma das fases de seu desenvolvimento, no caso o cursivo, com uma duração contínua, expressando um prolongamento da ação.

Como exposto anteriormente, no exemplo 1, há o uso de verbos no passado encabeçando a frase, funcionando como marcadores temporais. Isso aponta para um certo padrão no árabe da marcação do tempo na primeira forma da oração sendo seguida das outras distribuições verbais de forma mais livre em passado ou presente. Por meio de uma associação com as nuances aspectuais árabes, a presença dessa marcação possibilita uma leitura de passado para todo o restante da frase e o verbo “preciso” remonta ao aspecto imperfectivo árabe, comumente traduzido por tempo presente, trazendo uma leitura com ideias habituais no passado.

Quadro 14 - Exemplo 2

<b>Exemplo 2</b>	
<b>Frase feita pelo falante</b>	Eu estudei português só 7 meses, <b>(2a) mas depois eu não consigo estudar mais</b> , porque eu não tenho mais tempo para estudar e eu preciso trabalhar.
<b>Questão linguística</b>	Uso do presente ao invés do passado, com uma, possível, ideia condicional de futuro do pretérito
<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	(2b) (...) mas depois eu não <b>consegui</b> estudar mais.  (2c) (...) mas depois eu não <b>iria conseguir</b> estudar mais.

Fonte: A autora, 2023

Na frase (2a), há o uso do presente ao invés do passado com uma possível ideia condicional de futuro do pretérito. As proposições linguísticas mais adequadas ao contexto da frase (2a) podem ser as frases (2b) e (2c). Sendo assim, o processo verbal em (2b) é expresso como uma situação concluída e, quanto ao valor de duração, como uma situação não progressiva, pois não se estende no tempo, informando que a ação no passado teve uma leitura pontual e foi apresentada em sua totalidade. Além disso, a perífrase “[não] consegui estudar” expressa uma nuance aspectual de não possibilidade e não capacidade de realização da ação de dar

continuidade ao ato de estudar. Por sua vez, em (2c), há uma leitura de não possibilidade e não capacidade de realização da ação de dar continuidade ao ato de estudar, consequência ou resultado a algo, reforçados pela perífrase “[não] iria conseguir”, a partir disso, o processo verbal apresenta uma situação não concluída e progressiva, por configurar-se como uma situação incompleta e que se estende ao longo do tempo, implicando a leitura mencionada anteriormente.

Como exposto anteriormente, na frase (2a), há o uso do presente ao invés do passado com uma possível ideia condicional de futuro do pretérito. Ao Traçar uma possível associação com a teoria gramatical árabe, a partir desse uso, a respeito das nuances aspectuais, pode-se supor que essa construção em português tenha tido influência do aspecto prospectivo árabe, que, geralmente, apresenta a configuração de indicar uma conjectura de um evento, sem apontar se será concretizado ou não, traz advérbios no presente e no futuro em suas construções, apresenta-se junto a um verbo imperfectivo e é antecedido por uma partícula de futuro.

Diante disso, pode-se verificar no exemplo em (2a) algumas questões como a marcação feita pelo advérbio “depois”, com uma ideia de tempo posterior, que lança a frase para o futuro com uma ideia de suposição, de condição, ocorrendo junto a um verbo no imperfectivo (“consigo” - conjugado no presente), como foi exposto em (2c), indícios que apontam uma provável correlação de conteúdos.

Quadro 15 - Exemplo 3

<b>Exemplo 3</b>		
<b>Frase feita pelo falante</b>	Ele me recebeu, eu fiquei na casa dele 3 meses (...) <b>(3a) eu não <u>conheço/conheci</u> ninguém aqui no Brasil (3b) e não <u>tenho</u> família aqui no Brasil...</b>	
<b>Questão linguística</b>	Da frase (3a) - Uso do presente ao invés do passado ou uso de um passado pontual no lugar de um passado com ideia durativa.	Da frase (3b) - Uso do presente ao invés do passado.

<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	(3c) (...) eu não <b>conhecia</b> ninguém aqui no Brasil. (3d) (...) e não <b>tinha</b> família aqui no Brasil.
---	--

Fonte: A autora, 2023.

Na frase (3a), há um uso do presente ao invés do passado ou uso de um passado pontual no lugar de um passado com ideia durativa e em (3b) há o uso do presente ao invés do passado, ocasionando uma alternância de perspectivas narrativas pelo falante, possivelmente, por influência do repertório e contexto linguísticos em que se encontra.

Apresentam-se como possibilidades de usos mais adequados ao contexto, as frases (3c) e (3d). Em ambas, ocorre uma leitura de não habitualidade no passado. Esta nuance aspectual é expressa pelos verbos “conhecia” e “tinha” no tempo do pretérito imperfeito do indicativo. Diante disso, tem-se os processos verbais como situações não concluídas e progressivas, quanto ao valor de completamento e de duração, respectivamente, em que as apresenta como incompletas, em uma das fases de seu desenvolvimento.

Como exposto anteriormente, no exemplo (3), há o uso de verbos no passado encabeçando a frase, funcionando como marcadores temporais. Isso aponta para um certo padrão no árabe da marcação do tempo na primeira forma da oração sendo seguida das outras distribuições verbais de forma mais livre em passado ou presente. Por meio de uma associação com as nuances aspectuais árabes, a presença dessa marcação possibilita uma leitura de aspecto anterior, estabelecendo uma relação de anterioridade ao ponto de referência expresso e os verbos “conheço” e “tenho” remontam ao aspecto imperfectivo árabe, comumente traduzido por tempo presente, trazendo uma leitura com ideias habituais, no caso habilidades de recusa.

Quadro 16 - Exemplo 4

<b>Exemplo 4</b>		
<b>Frase feita pelo falante</b>	Quando [eu] <i>chegou</i> aqui ... <i>noconhecifalar</i> com ninguém porque eles <i>fala</i> só português ... <b>(4a) Pra ele também, na escola dele # difícil</b> , porque ele <i>entrar</i> na escola, <b>(4b) não <u>fala</u> nada português.</b>	
<b>Questão linguística</b>	Frase (4a) - Ausência do verbo ser	Frase (4b) - Uso do presente ao invés do passado
<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	(4c) [...] na escola dele <b>foi</b> difícil.	(4d) [...] não <b>falava</b> nada de português.

Fonte: A autora, 2023.

Na frase (4a), a questão linguística apresentada é a ausência do verbo ser, sinalizado pelo símbolo “#”. Depreende-se o tempo verbal em que a frase (4a) se passa pelo trecho que encabeça a frase 4: “Quando **chegou** aqui [...]”. Diante disso, infere-se o verbo no pretérito perfeito do indicativo - “foi”- na frase (4a). Observa-se que a estratégia de marcação pelo falante do valor de completude e não progresso de duração no processo verbal na frase, deu-se pela marcação de passado no início do exemplo 4 pela expressão: “Quando chegou”, trazendo um verbo no pretérito perfeito do indicativo, “chegou”.

A proposição linguística mais adequada ao contexto pode ser a frase (4c). Dessa forma, verifica-se a noção de completude e não progresso de duração no processo verbal expresso pelo verbo.

Na frase (4b), também observa-se a estratégia de marcação do tempo passado da frase pelo trecho que encabeça a frase do exemplo 4, que traz um verbo no pretérito perfeito do indicativo, o verbo “chegou”. Infere-se assim a nuance aspectual de habitualidade de recusa no passado no processo expresso pelo verbo na frase (4b), apresentada pelo pretérito imperfeito do indicativo, com uso geralmente combinado ao verbo no pretérito perfeito do indicativo.

A proposição linguística mais adequada ao contexto pode ser a frase (4d). Dessa forma, concebe-se o processo verbal como uma situação não concluída e progressiva, quanto ao valor de completamento e de duração, respectivamente, em que a apresenta como incompleta, em uma das

fases de seu desenvolvimento, no caso o cursivo, com uma duração contínua, expressando um prolongamento da ação.

Como exposto anteriormente, no exemplo 4, há um verbo no passado encabeçando a frase, funcionando como marcador temporal, o verbo “chegou”. Isso aponta para um certo padrão no árabe da marcação do tempo na primeira forma da oração sendo seguida das outras distribuições verbais de forma mais livre em passado ou presente. Por meio de uma associação com as nuances aspectuais árabes, a presença dessa marcação possibilita uma leitura de passado para todo o restante da frase e a construção “não fala”, remontam, a partir do uso do verbo, ao aspecto imperfectivo árabe, comumente traduzido por tempo presente, trazendo uma leitura com ideias habituais, no caso habitualidade de valor negativo.

Quadro 17 - Exemplo 5

<b>Exemplo 5</b>	
<b>Frase feita pelo falante</b>	(5a) <b>Mas pra mim # difícil</b> , eu <i>ficar</i> mais ou menos 5 meses até aprender pouco português, <i>fala</i> com pessoas português.
<b>Questão linguística</b>	Ausência do verbo ser
<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	(5b) Mas pra mim <b>foi</b> difícil.

Fonte: A autora, 2023.

No exemplo (5a), ocorre a ausência do verbo ser sinalizado por “#”. Depreende-se o tempo verbal em que a frase se passa, pelas seguintes marcações temporais: “mais ou menos 5 meses” e “até”.

Como proposição linguística mais adequada ao contexto, pode-se ter a frase (5b), com a explicitação do verbo ser conjugado no pretérito perfeito do indicativo. Quanto ao valor de completamento e duração, respectivamente, expressa as noções de completude e não progressivo.

Como exposto anteriormente, no exemplo 5, há o uso dos elementos “mais ou menos 5 meses” e “até” como marcadores temporais. A presença dessa marcação possibilita uma leitura de passado para a frase. Por meio de uma associação com as nuances aspectuais árabes, o verbo “foi”, que se infere por meio dessas marcações temporais, remonta ao aspecto perfeito de

resultado em árabe, que expressa comumente que o estado resultado implica relevância ao momento de fala/enunciação.

Quadro 18 - Exemplo 6

<b>Exemplo 6</b>		
<b>Frase feita pelo falante</b>	Mas pra mim # difícil, eu <i>ficar</i> mais ou menos 5 meses até aprender pouco português, <i>fala</i> com pessoas português. <b>(6a)</b> <b>Também # difícil, (6b) porque <i>deixa</i> minha família, meu pai, mãe, tem 3 irmãos, 3 irmãs tudo lá na Síria, vem aqui é difícil.</b>	
<b>Questão linguística</b>	Da frase (6a) - Ausência do verbo ser	Da frase (6b) - Uso do presente ao invés do passado
<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	(6c) Também <b>foi</b> difícil.	(6d) [...] porque <b>deixei</b> minha família [...]

Fonte: A autora, 2023.

Na frase (6a), há a ausência do verbo ser, sinalizado pelo símbolo “#”. Depreende-se o tempo verbal em que a frase se passa pelas seguintes expressões/ marcações temporais: “ mais ou menos 5 meses” e “até”, elas ajudam a demarcar o processo verbal da frase.

Como possibilidade de uso mais adequado ao contexto, pode-se ter a frase (6c), com a explicitação do verbo “ser” conjugado no pretérito perfeito do indicativo, dessa forma há as noções de completamente e não progressão.

Na frase (6b), expressa-se nuances de obrigação e necessidade, por meio de uma imposição externa ou interna, de praticar determinada ação, trazida pelo verbo “*deixa*”. Como proposição linguística mais adequada ao contexto, ocorre: (6d) [...] difícil porque **deixei** minha família, meu pai, mãe, tem 3 irmãos, 3 irmãs tudo lá na Síria, vem aqui é difícil. Na frase (6d), o processo expresso pelo verbo, quanto ao valor de completamento, é tido como uma situação concluída e, quanto ao valor de duração, como uma situação não progressiva, pois não se estende no tempo, informando que a ação no passado teve uma leitura pontual e foi apresentada em sua totalidade.

Como exposto anteriormente, no exemplo 6, há o uso dos elementos “mais ou menos 5 meses” e “até” como marcadores temporais. A presença dessa marcação possibilita uma leitura de passado para as frases seguintes. Por meio de uma associação com as nuances aspectuais árabes, o verbo “foi”, em (6a), que se infere por meio dessas marcações temporais, remonta ao aspecto perfeito de resultado em árabe, que expressa comumente que o estado resultado implica relevância ao momento de fala/enunciação.

### 3.2 Transcrição reportagem em vídeo 2

**P1V2** - Um dia a gente não *conseguir* sair, fica 2, 3 dias sem luz por causa disso.

(7) Você sai, #tudo destruído, as pessoas #morrendo na rua.

**P1V2** - (8) A gente pensou *pra* outros países: Alemanha, assim, mas *tava* muito difícil porque tudo já fechou porto.

**P1V2** - Mas também não achou nada, *non* eu, *non* meu marido, *tava* muito difícil pra achar trabalhar fixo assim e a gente pensou: non, tem que achar um lugar. Nesse momento Brasil abriu portas *pra* quem quiser e receber todos os palestinos e sírios. E a gente pensou: vamos, *tenta* vida nova num outro país longe. (9) E meu marido, ele chegou, outro dia ele já consegui *trabalha* na 25 de março.



Quadro 19 - Exemplo 7

<b>Exemplo 7</b>	
<b>Frase feita pelo falante</b>	Você sai, (7a) <b># tudo destruído</b> , (7b) <b>as pessoas # morrendo na rua.</b>
<b>Questão linguística</b>	Ausência do verbo ser
<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	(7c) <b>está/ tá</b> tudo destruído. (7d) as pessoas <b>estão</b> morrendo na rua.

Fonte: A autora, 2023.

Nas frases (7a) e (7b), ocorre a ausência do verbo ser, sinalizado pelo símbolo “#”. Depreende-se o tempo verbal em que as frases se passam pelo trecho que encabeça o exemplo 7: “Você sai”. O elemento que encabeça a frase contribui para a expressão de uma nuance hipotética ou afirmações generalizantes.

Diante disso, aponta-se como proposições linguísticas mais adequadas ao contexto, as frases (7c) e (7d). Na frase (7c), verifica-se uma nuance de habitualidade e frequência expressos pelo verbo no presente do indicativo. Dessa forma, há uma noção de não completude e ação não progressiva. Na frase (7d), a perífrase “estar + gerúndio” traz uma noção de duração, expressando dessa forma uma ação não concluída e progressiva.

Como exposto anteriormente, no exemplo 7, há um verbo encabeçando a frase, funcionando como marcador temporal, em “Você sai”, e isso aponta para um certo padrão no árabe da marcação do tempo na primeira forma da oração sendo seguida das outras distribuições verbais de forma mais livre em passado ou presente.

Quadro 20 - Exemplo 8

<b>Exemplo 8</b>	
<b>Frase feita pelo falante</b>	A gente pensou <i>pra</i> outros países: Alemanha, assim, mas <i>tava</i> muito difícil <b>(8a) porque tudo <u>já fechou</u> porto.</b>
<b>Questão linguística</b>	Partícula “já” com pretérito perfeito, reforço de ideia de completamento
<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	(8b) porque <b>já estavam fechados</b> todos os portos [estar +particípio] (8c) porque todos os portos <b>já foram fechados</b> [voz passiva perifrástica com verbo ser]

Fonte: A autora, 2023.

Na frase (8a), a partícula “já”, utilizada junto ao verbo conjugado no pretérito perfeito do indicativo, reforça a ideia de completamento e exprime a nuance de resultado.

As outras proposições que podem ser adequadas ao contexto são as frases (8b) e (8c).

A frase (8b), formada pela perífrase “estar + particípio”, também traz a ideia de completamento da ação de que decorre um resultado presente, funciona como uma forma em substituição à frase (8a). Na frase (8c), a voz passiva perifrástica com verbo “ser” indicando a ação-ponto ocorrida, contribui para a marcação de completamento e não progresso da ação.

Como exposto anteriormente, na frase (8a), a presença da partícula “já”, utilizada junto ao verbo conjugado no pretérito perfeito do indicativo, reforça a ideia de completamento e exprime a nuance de resultado. Por meio de uma associação com as nuances aspectuais árabes, a presença dessa marcação possibilita uma leitura de aspecto perfeito recente, em que se utiliza da partícula, no árabe, usualmente o *qad*, para dar reforço e ênfase a uma construção demarcada como ocorrida recentemente, no caso da frase (8a), esse reforço é expresso pela partícula “já”, apontando uma correlação de influência entre as línguas por meio da estratégia de expressão das nuances na construção do falante.

Quadro 21 - Exemplo 9

<b>Exemplo 9</b>	
<b>Frase feita pelo falante</b>	E meu marido, ele chegou, (9a) <b>outro dia ele <u>já</u> <b>consegui</b> <i>trabalha na 25 de março.</i></b>
<b>Questão linguística</b>	Partícula “já” como estratégia para marcar o todo da situação e atribuir ideia de completamento.
<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	(9b) [...] outro dia ele já <b>conseguiu</b> trabalhar na 25 de março.

Fonte: A autora, 2023.

Na frase (9a), a partícula “já” é usada como estratégia de uso para marcar a ideia completamento, exprimindo a nuance de resultado.

A outra proposição que pode ser adequada ao contexto é a frase (9b), em que agora ocorre o reforço da partícula “já”, junto ao verbo conjugado no pretérito perfeito do indicativo, reforçando a ideia de completamento, implicando também uma nuance de resultado.

Assim como no exemplo anterior, na frase (9a), a presença da partícula “já”, utilizada junto ao verbo conjugado no pretérito perfeito do indicativo, também reforça a ideia de completamento e exprime a nuance de resultado. Por meio de uma associação com as nuances aspectuais árabes, a presença dessa marcação possibilita uma leitura de aspecto perfeito recente, em que se utiliza da partícula, no árabe, usualmente o *qad*, para dar reforço e ênfase a uma construção demarcada como ocorrida recentemente, no caso da frase (9a), esse reforço é expresso pela partícula “já”, apontando influência entre as línguas a respeito dos mecanismos empregados pelo falante para a expressão das nuances aspectuais.

### 3.3 Transcrição reportagem em vídeo 3

**P1V3** - Trabalho agora eu preciso. Eu tenho 5 filhos, família, tem a legal, tem a escola, tem a comida, a vida. Eu preciso trabalho muito, muito importante trabalho primeiro e o trabalho # cozinhar na casa. **(10)** Agora fez esfiha árabe e pizza e homus..., todo mundo seja bem vinda! *Ahlan wa sahlán!*

**P1V3** - Não tem pessoas para mim. Minha família tudo eu não sei. **(11)** Minha mãe morreu lá e minha irmão e irmã *non* sei onde # agora. Eu não voltar nada, a vida # tudo aqui no Brasil.

Quadro 22 - Exemplo 10

<b>Exemplo 10</b>	
<b>Frase feita pelo falante</b>	<b>(10a)</b> Agora <u>fez</u> esfiha árabe e pizza e homus..., todo mundo seja bem vinda! <i>Ahlan wa sahlán!</i>
<b>Questão linguística</b>	Uso do passado no lugar do presente
<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	<b>(10B)</b> Agora <b>faço</b> esfiha árabe.

Fonte: A autora, 2023.

Na frase (10a), a questão linguística apresentada é o uso do tempo passado em lugar do tempo presente. No contexto em que a frase (10a) é proferida, espera-se uma leitura de nuance aspectual de hábito de um trabalho desempenhado pelo P1V3 atualmente, diferente de sua profissão anterior narrada, no entanto, é apresentada com uma forma de passado pontual, trazendo um valor aspectual de completamento e não um valor de duração descontínua ilimitadas, que resulta em uma leitura habitual. Ao observar o trecho: “[...] todo mundo seja bem vinda!

*Ahlan wa sahlán!*”, as saudações (“*Ahlan wa sahlán!*”) podem representar um oferecimento, uma hospitalidade por meio das comidas que foram feitas por volta daquele momento, para recepcionar as pessoas da reportagem, sendo compreensível um uso de passado nesse contexto, afastando-se da leitura habitual de atividade empregada rotineiramente.

Caso, de fato, se queira expressar a ideia de hábito, utiliza-se a frase (10b) como proposição mais adequada ao contexto. Dessa forma, o processo expresso pelo verbo, quanto à completude e duração, respectivamente, são as noções de concluído e não progressivo.

Quadro 23 - Exemplo 11

<b>Exemplo 11</b>	
<b>Frase feita pelo falante</b>	Minha mãe morreu lá <b>(11a)</b> e <b>minha irmão e irmã <i>non sei onde # agora.</i></b>
<b>Questão linguística</b>	Ausência do verbo ser
<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	(11b) e meu irmão e irmã não sei onde <b>estão</b> agora.

Fonte: A autora, 2023.

Na frase (11a), a questão linguística apresentada é a ausência do verbo ser, sinalizado pelo símbolo “#”. Depreende-se o tempo verbal em que a frase (11a) se passa pela demarcação do “agora”, trazendo uma leitura de tempo presente. A proposição linguística mais adequada ao contexto, por explicitar o verbo “estar”, mas mantendo as mesmas nuances da frase (11a), é a frase (11b), em que se expressa uma noção de não concluído e de não progressão.

Como exposto anteriormente, na frase (11a), ocorre a ausência do verbo ser e infere-se o tempo verbal da frase pela marcação feita pelo advérbio “agora”, com uma ideia de momento.

Por meio de uma associação com as nuances aspectuais árabes, a presença dessa marcação possibilita uma leitura de aspecto de não anterioridade, apontando para uma ideia de simultaneidade, comumente também expressa por essa nuance, que sinaliza indícios para uma provável influência na estratégia de expressão do aspecto.

### 3.4 Transcrição reportagem em vídeo 4

#### Repórter - Os rebeldes ou o governo?

**PIV4** - (12) Eu vi uma menino. Ele tem doze anos. Pé dele cortada, só pele. Ele chora, eu vi ele e não sei o que eu senti. *Beguei* ele, coloquei ele num táxi e *beguei*, fui com ele *pra* hospital. Quando a família dele chega - eu liguei *pra* família dele - família dele chega, *begou* ele, eu passei mal.

Quadro 24 - Exemplo 12

<b>Exemplo 12</b>	
<b>Frase feita pelo falante</b>	Eu vi uma menino. (12a) <b>Ele <u>tem</u> doze anos.</b> Pé dele cortada, só pele. (12b) <b>Ele <u>chora</u>, eu vi ele e não sei o que eu senti.</b> <i>Beguei</i> ele, coloquei ele num táxi e <i>beguei</i> , fui com ele <i>pra</i> hospital. (12c) <b>Quando a família dele <u>chega</u> - eu liguei <i>pra</i> família dele - família dele <u>chega</u>, <i>begou</i> ele, eu passei mal.</b>
<b>Questão linguística</b>	Uso do presente ao invés do passado
<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	(12d) Ele <b>tinha</b> doze anos. (12e) Ele <b>chorava</b> . (12f) Quando a família dele <b>chegou</b> .

Fonte: A autora, 2023.

Nas frases (12a), (12b) e (12c), a questão linguística apresentada é o uso do tempo presente ao invés do tempo passado, ocasionando uma alternância de perspectivas narrativas pelo falante, possivelmente, por influência do repertório e contexto linguísticos em que se encontra. A frase que encabeça o exemplo 12, remete as frases posteriores para um passado pontual, em que há uma noção de completude e não duração em decorrência do uso do verbo “vi”, conjugado no

pretérito perfeito do indicativo. Os verbos apresentados na narrativa das frases estão no tempo presente como forma de uma aproximação temporal aos fatos passados, uma espécie de realce narrativo dos fatos passados. Dessa forma, como proposições mais adequadas aos contextos, aponta-se as frases (12d), (12e) e (12f). Nas frases (12d) e (12e), a expressão verbal vincula-se à noção de concluído e progressivo, com uma ação cursiva, e na frase (12f), a expressão do processo verbal é representada como concluída e não progressiva.

Como exposto anteriormente, no exemplo 12, há o uso de um verbo no passado encabeçando a frase, funcionando como marcador temporal, que aponta para um certo padrão no árabe da marcação do tempo na primeira forma da oração sendo seguida das outras distribuições verbais de forma mais livre em passado ou presente. Por meio de uma associação com as nuances aspectuais árabes, a presença dessa marcação possibilita uma leitura de passado para todo o restante da frase e os verbos “chora” e “chega” remontam ao aspecto imperfectivo árabe, comumente traduzido por tempo presente, trazendo uma leitura com ideias progressivas.

### 3.5 Transcrição reportagem em vídeo 5

**P1V5** - Meu nome é P1V5, tenho trinta anos e sou refugiada da Síria aqui no Brasil. Meu cidade é Aleppo.

A gente *tava* morando eu, minha família, minha mãe, meu pai. Tenho sete irmãos também. Meu tio, esposa dele e dois filhos dele também, meu primos, minha avô e meu avô.

*Senti* muito saudade deles. Eu já fez quase ...**(13)** Vai fazer seis anos que não vi eles. Pra mim é muito saudade, quando eu lembro minha mãe, comida da minha mãe, como meu pai briga, fala “não pode”. Saudade.

*No* tenho mais contato com minhas amigas que eu gostava eles muito, até agora não tenho mais, só uma, que ela *tá* no meu facebook. **(14)** Meu amigo, que a gente *tava* lá estudando junto, único amigo homem que o meu pai liberou pra mim, que fala com ele, que ele estuda com ele , ele morreu também lá na guerra.

Quadro 25 - Exemplo 13

<b>Exemplo 13</b>		
<b>Frase feita pelo falante</b>	(13a) Vai fazer seis anos que não <b>vi</b> eles. Pra mim é muito saudade, (13b) quando eu lembro minha mãe, comida da minha mãe, como meu pai <b>briga, fala</b> “ não pode”. Saudade.	
<b>Questão linguística</b>	Da frase (13a): Uso do passado ao invés do presente.	Da frase (13b): Uso do presente ao invés do passado.
<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	(13c) Vai fazer seis anos que não <b>vejo</b> eles. (13d) quando eu lembro minha mãe, comida da minha mãe, como meu pai <b>brigava, falava</b> : “não pode”. Saudade.	

Fonte: A autora, 2023.

Na frase (13a), a questão linguística apresentada é o uso do tempo passado em lugar do tempo presente, ocasionando uma alternância de perspectivas narrativas pelo falante, possivelmente, por influência do repertório e contexto linguísticos em que se encontra.

Diante disso, expressa-se a nuance de futuro em que se traz um cálculo aproximado de algo com a expressão “vai fazer” e uma ideia de completude com o verbo “vi”, não esperada nessa composição linguística.

Dessa forma, diante do contexto, aponta-se como proposição linguística mais adequada a frase (13c). há a expressão da forma verbal “vejo” no presente do indicativo com a ideia de não habitualidade e não frequência, construída pelo falante, em que o pretérito perfeito, com uma demarcação pontual, não trazia.

Na frase (13b), por sua vez, há o uso do tempo presente ao invés do uso do tempo passado, ocasionando, também, uma alternância de perspectivas narrativas pelo falante, possivelmente, por influência do repertório e contexto linguísticos em que se encontra.



Dessa forma, há uma nuance de não completude e não progressão, como uma suspensão temporal e, no entanto, ao mesmo tempo proporcionando uma aproximação expressa pela narrativa de um tempo no passado.

Ademais, pelo contexto, aponta-se como proposição linguística mais adequada a frase (13d). Ela expressa a nuance de concluído e progressivo, com uma ação cursiva, propícia ao contexto de narração em que é apresentada.

Como exposto anteriormente, na frase (13a), há o uso de um verbo no passado encabeçando a frase, funcionando como marcador temporal, o verbo “vi”, que aponta para um certo padrão no árabe da marcação do tempo na primeira forma da oração sendo seguida das outras distribuições verbais de forma mais livre em passado ou presente. Por meio de uma associação com as nuances aspectuais árabes, a presença dessa marcação possibilita uma leitura de passado para o restante da frase e os verbos “briga” e “fala” remontam ao aspecto imperfectivo árabe, comumente traduzido por tempo presente, trazendo uma leitura com ideias habituais.

Quadro 26 - Exemplo 14

<b>Exemplo 14</b>	
<b>Frase feita pelo falante</b>	Meu amigo, que a gente <i>tava</i> lá estudando junto, único amigo homem que o meu pai liberou pra mim, <b>(14a) que fala com ele, (14b) que ele <u>estuda</u> com ele</b> , ele morreu também lá na guerra.
<b>Questão linguística</b>	Uso do presente ao invés do passado
<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	(14c) que eu <b>falava</b> com ele. (14d) que eu <b>estudava</b> com ele.

Fonte: A autora, 2023.

Nas frases (14a) e (14b), ocorre o uso do presente ao invés do passado, ocasionando uma alternância de perspectivas narrativas pelo falante, possivelmente, por influência do repertório e

contexto linguísticos em que se encontra. Dessa forma, há a nuance de não conclusão e não progressão, acarretando também, possivelmente numa leitura habitual.

Ademais, pelo contexto, as proposições linguísticas mais adequadas são as frases (14c) e (14d). Elas expressam a nuance de concluído, progressivo, durativo trazendo uma significação de que havia uma recorrência, frequência no passado das ações de se falar e estudar

Como exposto anteriormente, no exemplo (14), há o uso de verbos no passado encabeçando a frase, funcionando como marcadores temporais, que aponta para um certo padrão no árabe da marcação do tempo na primeira forma da oração sendo seguida das outras distribuições verbais de forma mais livre em passado ou presente. Por meio de uma associação com as nuances aspectuais árabes, a presença dessa marcação possibilita uma leitura de passado para o restante da frase e os verbos “fala” e “estuda” remontam ao aspecto imperfectivo árabe, comumente traduzido por tempo presente, trazendo uma leitura com ideias habituais no passado.

### 3.6 Transcrição reportagem em vídeo 6

#### **Repórter - Quais eram os seus sonhos lá na Síria? Você tinha planos, sonhos?**

**PIV6** - Não, vida umas pessoas *normals* lá, simples. Vocês sabem que a gente não trabalha, não fazer nada, a gente só fica em casa, cuidando das crianças, fazendo as coisas de casa, só isso (15) e eu tava ficando em casa, cuidando das crianças, às vezes, eu faço uma aula de inglês *pra* as crianças do... filhos dos vizinhos *pra passa* o tempo e, às vezes, não faço nada, fica em casa só.

#### **Repórter - Sofre como?**

**PIV6 - (16)** A gente fica sofrendo, tipo, antes eu não posso sair sozinha, tô falando eu mesmo. Eu não posso sair sozinha sem alguém que me acompanha. Quando aconteceu guerra, eu não posso sair nada, tem que ficar em casa mesmo. Tipo, uma vez eu sai *pra* pega comida *pra* minha família, no *otro* lugar. Eu fui pegada por estado islâmico. Fiquei presa com eles um dia. Então, os

mulheres que sai pode ser pagada por homem, que elas pode ficar presa, pode ser morta, qualquer coisa pode acontecer com a gente, então melhor pra gente não sai, fica presa em casa.

*Debois* que estado islâmico me pegou, aí, meu marido falou: “não, a gente precisa ir embora”.

Quadro 27 - Exemplo 15

<b>Exemplo 15</b>	
<b>Frase feita pelo falante</b>	[...] e eu <i>tava</i> ficando em casa, cuidando das crianças, às vezes, (15a) eu <b>faço</b> uma aula de inglês <i>pra</i> as crianças do [...]
<b>Questão linguística</b>	Uso do presente ao invés do passado
<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	(15b) [...] eu <b>fazia</b> uma aula de inglês <i>pra</i> as crianças do... filhos dos vizinhos pra passar o tempo[...]

Fonte: A autora, 2023.

Na frase (15a), há um uso do tempo presente ao invés do tempo passado, ocasionando uma alternância de perspectivas narrativas pelo falante, possivelmente, por influência do repertório e contexto linguísticos em que se encontra. Diante disso, o processo é expresso pelo verbo como um fato passado, que possivelmente pode ser um hábito, mas é realçado pelo uso do presente, o que traz uma aproximação da ação.

Como proposição mais adequada ao contexto, aponta-se a frase (15b), em que o processo verbal é expresso com uma nuance de completude e progressivo, com aspecto durativo também, demarcando uma certa recorrência da ação narrada sobre a atividade de fazer aula de inglês.

Como exposto anteriormente, no exemplo 15, há o uso de um verbo no passado encabeçando a frase, funcionando como marcador temporal, que aponta para um certo padrão no árabe da marcação do tempo na primeira forma da oração sendo seguida das outras distribuições verbais de forma mais livre em passado ou presente. Por meio de uma associação com as nuances aspectuais árabes, a presença dessa marcação possibilita uma leitura de passado para o restante da frase e o verbo “faço” remonta ao aspecto imperfectivo árabe, comumente traduzido por tempo presente, trazendo uma leitura com ideias habituais no passado.

Quadro 28 - Exemplo 16

<b>Exemplo 16</b>		
<b>Frase feita pelo falante</b>	A gente fica sofrendo, tipo, <b>(16a) antes eu não posso sair sozinha</b> , tô falando eu mesmo. Eu não posso sair sozinha sem alguém que me acompanha. <b>(16b) Quando aconteceu guerra, eu não posso sair nada</b> , tem que ficar em casa mesmo.	
<b>Questão linguística</b>	Da frase (16a): Advérbio de tempo ajudando a marcar o passado da frase	Da frase (16b): Marcação de passado somente no primeiro verbo da oração.
<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	(16c) antes eu não <b>podia</b> sair sozinha. (16d) Quando aconteceu a guerra, eu não <b>podia</b> mais sair.	

Fonte: A autora, 2023.

Na frase (16a), há um uso do advérbio de tempo (“antes”) ajudando a marcar o tempo passado na frase, na frase (16b), recorre-se ao mesmo mecanismo de leitura de tempo passado na frase, no entanto com a demarcação por um verbo no passado somente no início da frase. Diante disso, há uma leitura de tempo passado nas duas frases em decorrência da marcação do verbo no passado no início da oração na frase (16b) e a presença do advérbio com ideia de anterioridade na frase (16a). As proposições mais adequadas ao contexto, levando os verbos ao longo da frase também para o tempo passado, são as frases (16c) e (16b), no processo expresso pelo verbo, em ambas as frases, há uma nuance de ideia concluída e progressiva, com ideia cursiva.

Como exposto anteriormente, na frase (16a), há o uso do advérbio de tempo - “antes” - ajudando a marcar o tempo na frase, ou seja, ele funciona como um localizador temporal. Por meio de uma associação com as nuances aspectuais árabes, a presença desse advérbio possibilita uma leitura de aspecto anterior, estabelecendo uma relação de anterioridade ao ponto de referência expresso e o verbo “posso” remonta ao aspecto imperfectivo árabe, comumente traduzido por tempo presente, trazendo uma leitura com ideias habituais. A frase (16b), com a marcação do verbo no passado somente no início da oração, aponta para um certo padrão no

árabe da marcação do tempo na primeira forma da oração sendo seguida das outras distribuições verbais de forma mais livre em passado ou presente, assim, o verbo seguinte na frase “posso” também remonta ao aspecto imperfectivo árabe em que há uma leitura de habitualidade da ação, como mencionado anteriormente.

### 3.7 Transcrição reportagem em vídeo 7

**P1V7** - Eu antes da guerra vi no tv, a guerra no *otro* país, chama palestina. (17) Sim, eu assisto a guerra lá, o que acontecia, mas agora eu assisto a Síria, a guerra lá.

**P1V7 - (18)** Nós estamos na Síria, saímos por causa da guerra e nós vamos pro Líbano e ficamos lá dois anos e depois saímos para o Brasil, mas antes de vim aqui nós estamos lá, Barra do Garças.

**P2V7-** (19) Eu também quero termina escola, eu foi pra universidade. Eu gosto fazer engenharia.

### **Cultura**

**P1V7 - (20)** Quando eu vim aqui, todo mundo me perguntou porque eu uso o lenço, porque eu coloco e eu falo: “é por causa da minha religião, eu tenho que colocar”.

(21) Quando eu fui lá, eu foi com o lenço e com a roupa, todo mundo olha pra mim: “como ela vai *nada* assim”.

Quadro 29 - Exemplo 17

<b>Exemplo 17</b>	
<b>Frase feita pelo falante</b>	<b>(17a) Sim, eu <u>assisto</u> a guerra lá,</b> o que acontecia, mas agora eu assisto a Síria, a guerra lá.
<b>Questão linguística</b>	Uso de presente ao invés de passado durativo
<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	(17b) Sim, eu <b>assistia</b> a guerra lá.

Fonte: A autora, 2023.

Na frase (17a), há um uso do tempo presente ao invés do tempo passado. Diante disso, a princípio, há um processo expresso pelo verbo com uma nuance de não concluído e não progressivo, no entanto, ao observar o verbo “*acontecia*”, infere-se que a leitura da frase é de passado e não de presente.

Como forma de proposição linguística mais adequada ao contexto, pode-se ter a frase (17b), em que a expressão verbal é apresentada com uma nuance de completude e progressivo, com ação durativa, demarcando a recorrência passada da ação de assistir os acontecimentos da guerra em desenvolvimento.

Quadro 30 - Exemplo 18

<b>Exemplo 18</b>	
<b>Frase feita pelo falante</b>	<b>(18a) Nós <u>estamos</u> na Síria, saímos por causa da guerra e (18b) nós <u>vamos</u> pro Líbano e ficamos lá dois anos e depois saímos para o Brasil, (18c) mas antes de vim aqui, nós <u>estamos</u> lá, Barra do Garças.</b>
<b>Questão linguística</b>	Uso do presente ao invés do passado
<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	(18d) Nós <b>estávamos</b> na Síria, saímos por causa da guerra.

	(18e) nós <b>fomos</b> para o Líbano e ficamos lá dois anos. (18f) mas antes de vim aqui, nós <b>estávamos</b> lá, em Barra das Garças.
--	--

Fonte: A autora, 2023.

Nas frases (18a), (18b) e (18c), há um uso do tempo presente ao invés do tempo passado. Os verbos no presente vêm acompanhados de verbos posteriormente no tempo passado, em que se infere uma leitura de tempo passado à eles e, sobretudo, à frase como um todo. Como proposições mais adequadas ao contexto, há as frases (18d), (18e) e (18f). Diante disso, o processo expresso pelo verbo é representado com uma nuance de completude, ação progressiva e cursiva, agora apresentando todos os verbos com marcação de tempo passado.

No exemplo 18, como exposto anteriormente, há o uso do tempo presente ao invés do tempo passado. Por meio do contexto narrativo e da marcação de alguns verbos no passado, juntamente com o reforço da presença do advérbio “lá”, que funcionam como marcadores temporais, há uma leitura de passado. Por meio de uma associação com as nuances aspectuais árabes, os verbos “estamos” e “vamos” remontam ao aspecto imperfectivo árabe, comumente traduzido por tempo presente, trazendo uma leitura com ideias progressivas.

#### Quadro 31 - Exemplo 19

<b>Exemplo 19</b>	
<b>Frase feita pelo falante</b>	(19a) <b>Eu também quero <i>termina</i> escola, eu <i>foi pra</i> universidade.</b> Eu gosto fazer engenharia.
<b>Questão linguística</b>	Uso do passado pelo futuro
<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	(19b) Eu também quero terminar a escola, eu <b>vou</b> para a universidade. (19c) Eu também quero terminar a escola, eu <b>irei</b> para a universidade.

Fonte: A autora, 2023.

Na frase (19a), há um uso do tempo passado ao invés do tempo futuro. A forma verbal utilizada na frase é de passado, no entanto ela expressa um contexto de futuro, devido aos elementos do seu entorno. As proposições linguísticas mais adequadas ao contexto são as frases (19b) e (19c). Diante disso, há um processo expresso pelo verbo com nuances não concluídas, e com ideias em progressão, por serem prospecções .

Quadro 32 - Exemplo 20

<b>Exemplo 20</b>	
<b>Frase feita pelo falante</b>	(20a) <b>Quando eu vim aqui, todo mundo me <u>perguntou</u> porque eu uso o lenço</b> , porque eu coloco e eu falo: “é por causa da minha religião, eu tenho que colocar”.
<b>Questão linguística</b>	Uso de passado pontual ao invés de passado durativo
<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	(20b) Quando eu vim aqui, todo mundo me <b>perguntava</b> porque eu uso o lenço.

Fonte: A autora, 2023.

Na frase (20a), há um uso do tempo no passado pontual ao invés do tempo no passado durativo. Dessa forma, há uma leitura de ação concluída e não progressiva, que parece não combinar com a ideia de recorrência implícita na frase. A proposição mais adequada ao contexto pode ser a frase (20b). Diante disso, o processo expresso pelo verbo apresenta uma nuance de concluído e progressivo, trazendo uma ideia de passado cursivo à ação de recorrência de perguntar.

Na frase (20a), como exposto anteriormente, há o uso de passado pontual ao invés de passado durativo. Por meio de uma associação com as nuances aspectuais árabes, a presença dessa marcação possibilita uma leitura de aspecto perfectivo, estabelecendo uma situação vinculada temporariamente ao todo, sem reconhecer-se a estrutura interna, expressando um evento pontual no passado, contrapondo-se ao aspecto perfeito que expressa um evento que termina antes que o estado comece.



Quadro 33 - Exemplo 21

<b>Exemplo 21</b>	
<b>Frase feita pelo falante</b>	<b>(21a) Quando eu fui lá, eu foi com o lenço e com a roupa, todo mundo <u>olha</u> pra mim: “como ela vai <i>nada</i> assim”</b>
<b>Questão linguística</b>	Uso de presente no lugar de passado pontual
<b>Possibilidade de uso mais adequado ao contexto</b>	(21b) Quando eu fui lá, eu fui com o lenço e com a roupa, todo mundo <b>olhou</b> pra mim.

Fonte: A autora, 2023.

Na frase (21a), faz-se uso do tempo presente ao invés do tempo passado pontual. Infere-se uma leitura de passado pela presença dos dois verbos no passado, encabeçando a oração. Como proposição mais adequada ao contexto, aponta-se a frase (21b). Diante disso, o processo expresso pelo verbo apresenta uma nuance de completude e não progressão, trazendo uma ideia de pontualidade da ação de olhar narrada no exemplo.

Como exposto anteriormente, na frase (21a), há o uso do presente no lugar do passado pontual. O verbo “fui” encabeça o exemplo 21, funcionando como um marcador temporal, que aponta para um certo padrão no árabe da marcação do tempo na primeira forma da oração sendo seguida das outras distribuições verbais de forma mais livre em passado ou presente. Por meio de uma associação com as nuances aspectuais árabes, o verbo “olha” remonta ao aspecto imperfectivo árabe, comumente traduzido por tempo presente, trazendo uma leitura com ideia de progressão.

### 3.8 Indicações para o ensino

Ao longo do desenvolvimento do presente trabalho teve-se contato com materiais, autores e perspectivas diversas sobre o entendimento e conhecimento das noções aspectuais. Como

mencionado anteriormente, entende-se nesta pesquisa a abordagem comunicativa e, sobretudo, o desenvolvimento de uma competência comunicativa como uma perspectiva produtiva quanto ao ensino das nuances aspectuais no contexto de PLNM, pela ênfase no desenvolvimento das possibilidades do aprendiz obter insumos sobre os princípios formais e de funcionamento da língua-alvo ao ter contato com as condições de usos dos elementos linguístico, com o intuito de se alcançar a interiorização das competências da língua.

Dessa forma, ao adotar essa perspectiva em um ensino de aspectualidade, com essa abordagem comunicativa e, conseqüentemente, o desenvolvimento de uma competência comunicativa, é importante que esse aluno de PLNM entenda o funcionamento dessa noção de aspectualidade no português brasileiro.

Dito isto, o conhecimento e apontamentos sobre a língua árabe apresentados ao longo dessa pesquisa auxiliam o professor a entender melhor o funcionamento das dificuldades dos alunos, oferecendo mais subsídios para que possa montar exercícios e refletir como trabalhar melhor com esse cenário, amparando sua produção de atividades para os alunos falantes nativos de árabe.

A partir disso, não pode-se deixar de lado num ensino de aspectualidade com essa abordagem comunicativa elementos como o foco nos efeitos de sentido; possibilidades de usos; nuances de composição de cada um dos grupos de categorias da noção de aspectualidade no português brasileiro; como também os valores dessas categorias; suas modulações e marcações de ocorrências linguísticas quanto à correlação com as diversas formas verbais pelas quais tais noções aspectuais podem ser expressas e os efeitos enunciativos dessas construções.

A seguir, propõe-se indicações para o ensino dos valores aspectuais para o contexto de PLNM, como formas de abordar o ensino de aspecto que podem auxiliar os professores no delinear dessas interações, pautando-se em perspectivas que precisam ser levadas em consideração ao trabalhar com esse conteúdo:

1. O foco no trabalho com os valores, usos e nuances aspectuais, ao invés do foco nas terminologias dos aspectos, devido a existência de uma gama de nomenclatura que muitas vezes trazem ideias próximas quanto aos valores aspectuais a que se referem. Um posicionamento nesse sentido dá mais ênfase aos usos, nuances e efeitos linguísticos dos valores dos aspectos, verificando assim que podem existir valores aspectuais entendidos como variações de um significado mais

fundamental, ou até como conteúdos mistos a depender da influência linguística do contexto na atitude do enunciador no processo narrativo, por exemplo (Azeredo, 2010);

2. O trabalho com um quadro de valores aspectuais simples e não compostos, do contrário, criam-se muitas subdivisões que nada mais são do que a correlação ou somatização entre os valores aspectuais simples (Travaglia, 2016);
3. Apresentação de uma sequência de análise da expressão do processo verbal para auxiliar inicialmente os alunos quanto ao entendimento das camadas aspectuais, a saber: completude, duração, repetição (Azeredo, 2010);
4. Não focar somente na abordagem de um autor e sim tentar traçar caminhos de aproximação e distanciamento da forma com que os diversos autores trabalham as noções de aspecto e tirar deles informações produtivas complementares;
5. O trabalho das nuances aspectuais dos tempos verbais, que visa trabalhar a relação aspectual com a noção semântica dos tempos verbais e suas conjugações (Garcia, 2010, p. 45);
6. Explorar, por meio de materiais autênticos, as questões de usos e significados dos valores aspectuais quanto aos contextos de ocorrências, atribuições de sentido que transmitem, possibilidades de alternância, observando os contextos quanto às mudanças de valores aspectuais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação de mestrado, que se insere na área de Ensino de Português como Língua Não Materna, tendo como foco o ensino de português do Brasil a estrangeiros, tomou-se como objeto de estudo, especificamente, a construção da noção de aspectualidade verbal e seus usos por estrangeiros, falantes nativos de árabe, considerando os desafios experienciados por esses aprendizes por influência de sua língua materna, não tendo como intuito, sobretudo, fazer um estudo contrastivo.

Sobre as bases teóricas que sustentaram a presente pesquisa, inspirou-se em estudos, não exclusivamente dedicados aos estudos de Português Língua Não Materna (PLNM), mas também naqueles que tratam de aspectualidade de modo mais geral. No que concerne às indicações didáticas, foram tomados como referência estudos que assumem a indissociabilidade entre língua e cultura, interculturalidade e didática do ensino de línguas estrangeiras.

Teve-se como objetivos gerais as seguintes questões: entender as diferenças da noção de aspectualidade entre o português do Brasil e o árabe; indicar estratégias de ensino de português no que tange especificamente ao uso da aspectualidade, promovendo um diálogo entre descrição e ensino.

Buscou-se, dessa forma, quanto ao desenvolvimento dos objetivos específicos, descrever as noções de aspectualidade na língua árabe e no português brasileiro; comparar as diferenças entre a noção de aspectualidade no árabe e no português brasileiro; identificar as dificuldades e analisar os usos da aspectualidade por aprendizes de português, falantes nativos de árabe; sistematizar as necessidades do público-alvo em relação ao aprendizado do aspecto verbal em língua portuguesa.

Como parte dos procedimentos metodológicos, transcreveu-se reportagens publicadas em vídeo coletadas da plataforma de vídeos do Youtube, em que falantes de árabe contavam sobre suas vidas.

Por meio dessas reportagens, nesses contextos narrativo-discursivos, pode-se ter acesso aos usos que esses falantes fazem dos verbos em português no decurso das interações linguísticas autênticas. Foram analisados 21 exemplares resultantes das reportagens em vídeos selecionados.

Dessa forma, teve-se acesso a um leque de usos das formas verbais e de suas nuances aspectuais no português, mostrando como estão sendo empregadas por esses falantes nativos de árabe.

Além disso, discorreu-se sobre a área de PLNM, questões referentes a esse contexto de ensino, sobre a abordagem comunicativa que enfatiza o desenvolvimento das possibilidades do aprendiz obter insumos sobre os princípios formais e de funcionamento da língua-alvo ao ter contato com as condições de usos dos elementos linguístico, com o intuito de se alcançar a interiorização das competências da língua. Adotou-se nesta pesquisa a abordagem comunicativa e, sobretudo, o desenvolvimento de uma competência comunicativa como uma perspectiva produtiva quanto ao ensino das nuances aspectuais no contexto de PLNM.

A respeito dos desafios de se ensinar o aspecto diante de um campo múltiplo de estudo e ensino, quanto às nomenclaturas, formas de expressão, variados elementos que fazem parte da composição de análise aspectual, como elementos pragmáticos, semânticos e sintáticos, no contexto de PLNM, ressaltou-se a necessidade de se trabalhar com a explicitação das dimensões semântico-pragmáticas da categoria do aspecto verbal no português brasileiro por meio de um ensino-aprendizagem que dê mais ênfase aos usos, nuances e efeitos dos valores aspectuais, ressaltando suas afinidades de sentido, para se criar parâmetros e insumos do que seria a gama de noção da aspectualidade para o aprendente de português, por meio do processo reflexivo e comparativo nas interações linguísticas, concernente à junção de descrição e ensino, levando-se em consideração a especificidade desse contexto de ensino de PLNM para falantes nativos de árabe, considerando-se as características a serem experienciadas neste processo, como questões de proximidade ou afastamento das dinâmicas linguístico-culturais entre o português brasileiro e a língua árabe.

Por sua vez, propôs-se indicações para o ensino dos valores aspectuais para o contexto de PLNM, com formas de abordar o ensino de aspecto, que podem auxiliar os professores no delinear dessas interações, pautando-se em perspectivas que precisam ser levadas em consideração ao trabalhar com esse conteúdo.

A partir disso, apontou-se elementos que não podem ser deixados de lado num ensino de aspectualidade na abordagem comunicativa, elementos como o foco nos efeitos de sentido; possibilidades de usos; nuances de composição de cada um dos grupos de categorias da noção de aspectualidade no português brasileiro; como também os valores dessas categorias; suas

modulações e marcações de ocorrências linguísticas quanto à correlação com as diversas formas verbais pelas quais tais noções aspectuais podem ser expressas e os efeitos enunciativos dessas construções.

Dessa forma, pretende-se contribuir com os estudos na área de PLNM por meio da reflexão sobre o ensino de aspectualidade do português brasileiro, tendo como foco falantes nativos de árabe, com uma abordagem comunicativa que auxilie no desenvolvimento de uma competência comunicativa, ressaltando a importância do aprendiz de PLNM entender o funcionamento e construção das noções de aspectualidade no português brasileiro.

## REFERÊNCIAS

AL-KHAFAJI, Abdur-Rasul. *Description and contrastive analysis of tense and time in English and Arabic*. 1972. Tese (Doutorado) - Faculty of Arts, University of Glasgow, 1972.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos da Gramática do Português*. 5. ed.revista. Rio de Janeiro: Zahar, [2000] 2010.

BAHLOUL, Maher. *Structure and function of the Arabic verb*. London; New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2008.

BRASIL é país que mais recebe refugiados sírios na América do Sul I Jornal Novo Tempo. Produção Revista Novo Tempo. Brasil: Revista Novo Tempo, 2015. 1 Vídeo do Youtube (12min).

CAFFARO, Paula da Costa. *Para uma padronização em português da terminologia morfossintática do verbo árabe*. 2012. 158f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Letras Orientais - Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CAFFARO, Paula da Costa. *Para uma elaboração de um dicionário bilíngue da terminologia gramatical árabe-português*. 2018. 185 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Letras Orientais - Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

COMRIE, Bernard. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. United Kingdom: Cambridge University Press, [1976] 2001. (digital).

CANDIAN, Maíra; BESSA, Mariana de Camargo. Português como Segunda Língua Estrangeira Não Materna Adicional para Falantes de Outras Línguas P2LENMAFOL: uma breve análise de terminologias. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, v.25, n.2, 2021. E-ISSN: 1982-2243. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/35916>. Acesso em: 8 dez. 2022.

50% da população síria fugiu do país por causa da guerra civil. Produção de Hoje em Dia. Brasil: Hoje em Dia, 2019. 1 vídeo do Youtube (9 min).

CORRIENTE, Frederico. *Gramática árabe*. Herder, [1988] 2006.

CASTILHO, Ataliba T. de Castilho. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. São Paulo: Ed. Marília, 1968.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. *Educação & Sociedade*, ano 23, n. 79, ago. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 fev. 2022.

- GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna*. 27. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. 548 p.
- HYMES, D. On Communicative Competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. *Sociolinguistics*. England: Penguin Books, 1972. 381 p. p.269-293.
- LARSEN-FREEMAN, Diane; ANDERSON, Marti. Communicative language teaching. In: *TECHNIQUES & principles in language teaching*. Oxford: Oxford University Press, [1986] 2011. p. 152-171.
- LIMA, Suely Ferreira. *Do tempo e do aspecto entre o árabe e o português*. 2017. 241 f. Tese (Doutorado) - Departamento de Letras Orientais - Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- LIPINSKY, Edward. *Semitic languages outline of a comparative grammar*. Leuven: Peeters, 1997. 756 p.
- MARTELOTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística* 2.ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2012.
- MENDES, Edleise. O português como língua de mediação cultural: por uma formação intercultural de professores e alunos de PLE. In: MENDES, Edleise (org.). *Diálogos Interculturais ensino e formação em português língua estrangeira*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.
- MUGHAZY, Mustafa. *A neo-aspectualist analysis of Egyptian and standard Arabic*. Georgetown: Georgetown University Press, 2015. v. 48. p. 99-139.
- MEYER, Rosa Marina de Brito. Estudos em PLE2 no Brasil: Trajetórias e tendências. In: RIBEIRO; Alexandre do Amaral (org.). *Ensino de Português do Brasil para Estrangeiros: internacionalização, contextos e práticas*. Rio de Janeiro: Epublik, 2016. p. 29-46.
- MARTINS, A. F. C.; MARTINS, V. de P. da S. *Estudos do léxico: aportes teóricos para pesquisa terminológica e fraseológica*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 214p.
- POLGUERE, Alain. *Lexicologie et sémantique lexicale : notions fondamentales*. Catalogage avant publication de Bibliothèque et Archives nationales du Québec et Bibliothèque et Archives Canada. Canada: [s.n.], [1959] 2016.
- SANTOS, Liliane. Para uma Gramática da Enunciação do Português: Os Atos de Fala. In: RIBEIRO; Alexandre do Amaral (org.). *Ensino de Português do Brasil para Estrangeiros: internacionalização, contextos e práticas*. Rio de Janeiro: Epublik, 2016. p. 105-116.
- SAVEDRA, M. M. G.; CHRISTINO, B.; PUPP SPINASSÉ, K.; ARAUJO, S. S. DE F. Studies in contact sociolinguistics in Brazil: ethnolinguistic diversity in focus. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. e315, 22 Apr. 2021.



SILVA, Fellipe Fernandes Cavallero da. *Um recorte funcionalista da aspectualidade do pretérito perfeito composto em português do Brasil e sua relevância para o português como segunda língua para estrangeiros (PL2E)*. 2016. 192 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, Rio de Janeiro, 2016.

SILVA, Bianca Graziela Souza Gomes da. Ensino de Português para falantes de árabe. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 10, n. 17, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/14783>. Acesso em: 15 set. 2023.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 5.ed. Uberlândia : EDUFU, 2016. 314 p.

WIDDOWSON, H. G. *Teaching language as communication*. Oxford: Oxford University Press, 1978. 168 p.

WALLYSON Santos, Thalal Altinawai e Ghazal Barambo falam sobre refugiados sírios/ Identidade Geral. Produção Revista Novo Tempo. Brasil: Revista Novo Tempo, 2018. 1 Vídeo do youtube (18 min).

**ANEXO – Transcrição completa das reportagens publicadas em vídeo**

● **Transcrição reportagem em vídeo 1:**

**P1V1** -Aqui quando você começar a trabalhar, você precisa pagar para muita gente ...

Eu tentei pra restaurante ficar aberto, mas eu não consegui, porque eu preciso pagar bastante. Por isso eu achei *pra* fechar melhor

**P2V1** - No futuro a pensar voltar para a Síria...

**P1V1** - Então, *pra* mim, quando cheguei aqui, só *pra* saber, pra mim eu não tinha um choque da cultura, porque eu conheci outra cultura.

Eu estudei português só 7 meses, mas depois eu não consigo estudar mais porque eu não tenho mais tempo para estudar e eu preciso trabalhar.

Aqui tem uma pessoa, ele brasileiro-sírio. Ele me recebeu, eu fiquei na casa dele 3 meses [...] eu não conheço/conheci ninguém aqui no Brasil e não tenho família aqui no Brasil...

**P2V1** - Quando [eu] chegou aqui ... *noconhecifalar* com ninguém porque eles fala só português ... Pra ele também, na escola dele # difícil porque ele entrar na escola, não fala nada português. Ele passou um pouco difícil, mas depois passou bem.

Mas pra mim # difícil, eu ficar mais ou menos 5 meses até aprender pouco português, fala com pessoas português. Também # difícil porque deixa minha família, meu pai, mãe, tem 3 irmãos, 3 irmãs tudo lá na Síria, vem aqui é difícil.

**P1V1**- Ficar tranquila... é bom para mim e para minha família.

● **Transcrição reportagem em vídeo 2:**

**P1V2** - Um dia a gente não conseguir sair, fica 2, 3 dias sem luz por causa disso. Você sai, # tudo destruído, as pessoas # morrendo na rua.

A gente pensou *pra* outros países: Alemanha, assim, mas tava muito difícil porque tudo já fechou porto.

Mas também não achou nada, *non* eu, *non* meu marido, tava muito difícil pra achar trabalhar fixo assim e a gente pensou: *non*, tem que achar um lugar. Nesse momento Brasil abriu portas pra quem quiser e receber todos os palestinos e sírios. E a gente pensou: vamos, tenta vida nova num outro país longe. E meu marido, ele chegou, outro dia ele já consegui trabalha na 25 de março.

A foto ela trouxe pra mim “maisetralha”, agora mais pessoas já me conhece, então ele ajudou muito para meu trabalho.

**P2V2** - Ela tá usando o mesmo temperos do que ela usou lá na nossa terra, às vezes, ela compra algumas temperos de lá, importado, *non* tem aqui. Mesmo sabor de lá, com mesmo amor, com mesmo vontade de comer.

**P1V2** - A gente vive com essa renda, renda de trabalho, com meu trabalho, com culinária, com comida. Eu espero *pra* crescer mais nessa área de culinária, porque esse é o futuro de nós. Sim, claro senti muito acolhida.

- **Transcrição reportagem em vídeo 3:**

**P1V3** - Síria # mesmo paraíso antes, mas tem guerra, muito, muito, muito problema. Guerra toma tudo. Graças a Deus nossa vida *non* tomam[a]. Muita pessoas morreu (conjugação) na guerra.

Eu *non* sei uma letra, uma palavra em português. Eu perguntar para pessoas, por favor: [Do] you speak inglês? - *Non*, sô português.

Eu *non* sei [não sei] uma pessoa aqui, onde vou, onde mora, que trabalho, mas graças a Deus, pessoas brasileiras muito bom.

Trabalho agora eu preciso. Eu tenho 5 filhos, família, tem a legal, tem a escola, tem a comida, a vida. Eu preciso trabalho muito, muito importante trabalho primeiro e o trabalho # cozinhar na casa. Agora fez esfiha árabe e pizza e homus..., todo mundo seja bem vinda! Ahlan wa sahan! Não tem pessoas para mim. Minha família tudo eu não sei. Minha mãe morreu lá e minha irmão e irmã non sei onde # agora. Eu não voltar nada, a vida # tudo aqui no Brasil. *Non* volta nada, guerra acabar, guerra *non* acabar, *non* volta nada E gosto Brasil aqui muito, *non* terra, eu não gosto terra, gosto brasileiros, pessoas.

- **Transcrição reportagem em vídeo 4:**

**PIV4** - Eles entram pra casa, tiram as coisa, manda a gente embora, a gente vai pra outro lugar, mesma coisa.

**Repórter - Os rebeldes ou o governo?**

**PIV4** Os dois, os dois sem vergonha, os dois. Ninguém tem medo de Deus lá. Eles entram pra casa - se tem mulher, se tem criança - pra eles não tem problema nada. Manda eles embora, *pega* as casas, fazer essa casa, um tipo... uma coisa básica pra eles *guarda* armas, essas coisas.

Todo mundo fica com medo. Tem pessoas lá na Síria sair pra rua igual você agora. Eles ficam mulheres. Eles ficam com medo, pra ninguém pega eles. Acontece, Estado Islâmico pega mulheres, fez com elas coisa feia, sexo... morte elas, manda ela por um dia, ela passa pra 40/ 50 rapaz por um dia. Eu não *vô esquecer* nada que eu vi lá.

Tipo, outra ... eu estava lá no... eu andando na rua pra *compra* as coisa, por que só eu compro coisas da todos. Eu não aguento, vem meu pai, vai pra rua, sofre, minha mãe, meu irmãos. Eu mais velha pra minha família, então eu fico na frente pra todos. Então quando eu fui pra *compra* comida pra eles também, caiu um bomba na rua. Eu rápido fugi pra um loja. Entrei pra essa loja, caí na chão, *ninguém* estava na loja. Quando a gente *sai* da loja, muitas pessoas morte na rua, muito. Eu vi uma menino. Ele tem doze anos. Pé dele cortada, só pele. Ele chora, eu vi ele e não

sei o que eu senti. *Beguei* ele, coloquei ele num táxi e *beguei*, fui com ele pra hospital. Quando a família dele chega - eu liguei pra família dele - família dele chega, *begou* ele, eu passei mal.

**Repórter - E você gosta de morar aqui?**

**P1V4** - Sim, eu não vou sair daqui, vou ficar aqui o dia inteiro, sempre. Não tenho pra onde ir, então vou ficar aqui. Montar um casa pra mim e uma vida aqui.

- **Transcrição reportagem em vídeo 5 :**

Meu nome é **P1V5**, tenho trinta anos e sou refugiada da Síria aqui no Brasil. Meu cidade é Aleppo.

A gente tava morando eu, minha família, minha mãe, meu pai. Tenho sete irmãos também. Meu tio, esposa dele e dois filhos dele também, meu primos, minha avô e meu avô.

*Senti* muito saudade deles. Eu já fez quase ... Vai fazer seis anos que não *vi* eles. Pra mim é muito saudade, quando eu lembro minha mãe, comida da minha mãe, como meu pai briga, fala “ não pode”. Saudade.

Começou dia três de Ramadã. Eu tava na casa do meu ex-marido. Eu queria ir pra casa da minha mãe, aí não consegui no Ramadã comemorar com minha família. Fiquei sozinha no comecinho da guerra. Lembro coisa boa, porque fiquei lá vinte e cinco anos também, mas quando começou guerra, ela perdeu tudo que a gente tinha, ela deixou minha família longe, meus filhos longe.

No tenho mais contato com minhas amigas que eu gostava eles muito, até agora não tenho mais, só uma, que ela tá no meu facebook. Meu amigo, que a gente tava lá estudando junto, único amigo homem que o meu pai liberou pra mim, que fala com ele, que ele estuda com ele, ele morreu também lá na guerra. *Debois*, meu marido falou pra mim: “a gente vai embora, não consigo essa país mais”.

Fui pra várias cidades lá na Síria, a gente ficou lá até a gente conseguir sair até Líbano. Fiquei no Líbano três meses, mais ou menos. *Fui* difícil porque não tinha trabalho, não tinha nada.

Aí, o meu marido procurou, a gente achou, mas eles pagam muito pouco, não dá porque lá o país caro também. Aí, meu marido falou: “vamos embora”.

Ele pegou visto pra França. Eu nunca gostei França, mas falei: “vamos”. E não deu certo. Depois, ele falou pra mim:” vamo pra Brasil”. Aí, falei pra ele: “Já cansada, não quero mais”. Ele foi com meu passaporte pra consulado lá no Líbano. Ele *consegui* visto sem eu está lá. Foi muito fácil no polícia federal, muito fácil. Sabe, a gente vai uma dia, já conseguir CPF, depois a gente foi um dia também, já fizemos entrada, quinze dias já saiu o RG.

Quando a gente desceu no *aeroporto*, eu vi moças com *shorto*, com tatuagem, cabelo pra fora, estranhei muito. Aí, eu tava xingando ele no *aeroporto*. Aí, um rapaz árabe, ele falou pra mim: “não, fica tranquila, a gente vai levar vocês na nossa casa. Aí, fui na casa dele, fiquei lá um semana. No começo, nem gostei, depois meu marido falou pra mim: “não tem jeito, a gente vai ficar. Você não vai voltar, você tem que gostar aqui no Brasil.” Chorei, pedi pra ele muito: “por favor, quero voltar”. Ele falou: “não, a gente vai ficar aqui”. Depois, descobri que eu tava grávida, aí, falei: “tô grávida, na Síria não vai dar certo, pra meu bebê é melhor aqui, vou aguentar, vou conseguir”.

No começo, foi minha vizinha, na verdade, ela deu colchão, a família dela deu muita coisa pra casa, até ela alugou pra gente casa dela. Ela ajudou a gente, chamou o *brefeito* do cidade, chama Ferraz de Vasconcelos, ela chamou o prefeito pra ele conhecer a gente. Aí, ele levou meu marido pra trabalhar lá no trânsito, trabalhou seis meses, depois eles mandou ele embora. Fui, falei pra uma amiga, aí, a minha amiga falou pra mim: “não, vai na mesquita do Brasil que eles *ajuda* você”. Fui, pedi pra eles ajuda, aí, eles falou pra mim: “fica aqui, a gente vai aluga pra você uma casa, você fica aqui do lado da mesquita, qualquer coisa, a gente ajuda vocês”

Vizinha deu senha do wifi pra mim, aí, falei: “vo [vou] fazer kibe, esfiha pra ela, pra agradecer ela, porque ela nem me cobra dinheiro”. Fiz, sobrou muito, aí, ela falou pra mim:” vamo vende no prédio”

Os vizinhos mesmo eles *volta* fala pra mim: “Razan, faze pra mim, pra amanhã dois kibe e uma esfiha, eles já *começa* a faze o pedidos. Aí, meu marido falou pra mim:” não vai dar certo, você está gastando o seu tempo, você está fazendo bagunça na casa, não cuida filho”. Falei: “vai dar certo e vou vender, a gente vai conseguir o dinheiro”. Vendi tudo. *Debois*, uma amiga minha,

vizinha também, ela colocou no grupo, no facebook, aí, a gente já consegui pedidos pra fora do prédio.

Agora, se você fala pra mim:” vai embora”, eu falo: “não, eu vou ficar”. Eu não consigo mais embora, o Brasil pra mim meu segundo país. Eu gosto muito do Brasil. Aqui as pessoas bom. Tudo, não tem como reclamar. Tudo bom aqui, pra mim, pra minha família tudo de bom. Vai sair da aluguel da casa e sonho em trazer minha família, meus filhos pra cá. Pra mim, tá ótimo, eu não quero mais.

- **Transcrição reportagem em vídeo 6:**

**Repórter - Quais eram os seus sonhos lá na Síria? Você tinha planos, sonhos?**

**P1V6-** Não, vida umas pessoas *normals* lá, simples. Vocês sabem que a gente não trabalha, não fazer nada, a gente só fica em casa, cuidando das crianças, fazendo as coisas de casa, só isso e eu tava ficando em casa, cuidando das crianças, às vezes, eu faço uma aula de inglês pra as crianças do... filhos dos vizinhos pra passa o tempo e, às vezes, não faço nada, fica em casa só.

**Repórter - Quando começaram os conflitos, a guerra, você consegue me explicar como é a vida de uma mulher lá na Síria, durante a guerra?**

**P1V6 -** A gente tava com muito medo, sabe, porque pode acontecer qualquer coisa com a gente. A gente fica saindo da nossa casa pra casa do *otras* pessoas, que a gente não conhece as pessoas, tipo, a gente ficou numa escola por um tempo e a vida muito difícil pra uma mulher, a gente sofre muito por todas as coisas que ... antes da guerra, a gente sofre, ainda com guerra piora a situação das mulheres lá.

**Repórter - Sofre como?**

**P1V6** - A gente fica sofrendo, tipo, antes eu não posso sair sozinha, tô falando eu mesmo. Eu não posso sair sozinha sem alguém que me acompanha. Quando aconteceu guerra, eu não posso sair nada, tem que ficar em casa mesmo. Tipo, uma vez eu sai pra pega comida pra minha família, no *otro* lugar. Eu fui pegada por estado islâmico. Fiquei presa com eles um dia. Então, os mulheres que sai pode ser pagada por homem, que elas pode ficar presa, pode ser morta, qualquer coisa pode acontecer com a gente, então melhor pra gente não sai, fica presa em casa.

*Debois* que estado islâmico me pegou, aí, meu marido falou: “ não, a gente precisa ir embora”.

**Repórter** - **Como assim, o estado islâmico, ele sequestrou você? Levou você pra algum lugar?**

**P1V6** - Levou pra um lugar. Eu tava lá na rua ... porque onde a gente mora, do governo, que não **tava** comida, onde tem comida, só no lugar deles. Eu *travessei* um rua pra *lilá* [ir lá] pra compra comida pra minha família, meus filhos, porque eu **estava** casada também. Tenho dois filhos na Síria. Então, quando eu fui lá, eles me pegou, colocou no carrinho e colocou os mão pra trás, me fechou meus olhos e eles levou eu pra um prédio. *Debois* eles *tava* conversando, um deles *tava* falando no mesmo sotaque que a gente fala e falei com ele no mesmo sotaque, falei pra ele **quem sou eu, quem minha família**, aí, ele me ajudou pra fugir.

**Repórter** - **Então alguém de lá ajudou você a fugir?**

**P1V6** - Alguém de lá me ajudou pra fugir, senão eu tava morta. É muito raro eles pega alguém e deixa saí.

**Repórter** - **Eu queria que você contasse como foi e o que você sentiu quando você ouviu as primeiras bombas.**

**P1V6** - Quando ela caí, a gente nunca escuta barulho de uma bomba, assim de verdade. Quando ela caí, ela caí perto da casa do meu marido, Mohamad, aí, ela quebrou o... como ela tá forte, ela



quebrou os vidro do janela e saiu o negócio da porta no lugar e Mohamad perdeu de escutar, agora ele escuta só trinta por cento.

Qualquer barulho, fico assim, com pressão baixa, fico já tô desmaiando no chão, não consigo mais.

**Repórter - Como que foi chegar aqui em São Paulo? O que você viu? O que você enfrentou? Porque você não falava nada de português. Como é que foi?**

**P1V6** - Foi muito difícil, tipo, pra mim ir lá no posto de saúde. Passei mal aqui. Cheguei aqui grávida que não sabia que estava grávida de quarenta dias. Foi muito difícil pra mim aprender português, sabe? Eu *ilá* no posto de saúde e não sabe *fala*, eu tento assim na mão, num dá certo, às vezes volto *chorá*, eu não *vô ficá* assim, vô aprendê. Aí, fui lá, fiquei assistindo no facebook muito, aí, comecei a aprender no facebook.

**Repórter - A falar português no facebook?**

**P1V6** - No facebook. Lá no facebook vocês não divulga os vídeos de vocês explicando, falando as coisas e lá em cima vocês colocam um texto. Então, essa texto eu pego, coloco no tradutor pra ver o que significa, aí vê a boca de vocês como movimenta.

**Repórter - Mas você teve também pessoas que te acolheram, te abraçaram quando você chegou aqui em São Paulo? Porque até a questão da documentação, não tinha nada disso.**

**P1V6** - Sempre, até hoje, não tinha nada, mas é ... todas as pessoas me ajuda, me acolhe muito bem, me fazer todas as coisas pra me ficar do meu lado.

Negócio da comida, fui minha ideia de fazer, ideia da uma vizinha também que ela vendeu pra mim e até agora sempre com a ajuda dos brasileiros, se eles não me ajuda, eu não sabe fazer nada. Não existe Hazan comida árabe se eles não me ajuda, porque não sabe fazê nada. Eu sabe cozinhá, mas divulgá, fazê, vendê colocar os orçamento, assim, eu não sabe.

**Repórter - E porque vocês escolheram o Brasil?**

**P1V6** - Então, não fui minha ideia, fui ideia do marido, que ele tava olhando no google lá, aí, ele olhou carnaval, jogou dos futebol de vocês, aí, ele leu um pouco sobre Brasil e falou:” nunca teve guerra lá, vamo lá”.

**Repórter - E o que foi assim, o mais difícil quando você chegou aqui no Brasil?**

**P1V6** - A cultura de vocês. Pra mim muito difícil, porque a cultura de vocês muito diferente da minha cultura. Tem muitas coisas de vocês diferente, tipo, homem abraça mulher, dá beijo e pra mim isso não existe, não pode, tem que *fica* longe de mim, nem toca mão de mim. Muita coisa de vocês não é igual da gente. A roupa de vocês, também na praia, amiga.

Quando eu vou na praia, eu vou assim, no meu jeito. Qualquer roupa que eu estou, vou entrá na água. Todo mundo lá fica olhando pra mim, eu fico falando pra marido: “tudo mundo lá tá pelado”, porque o povo olha pra mim e eu tô com muita coisa, aí, eles ficam olhando pra mim, aí, ele fica olhando pra esposas deles.

Última vez que eu fui, fiz amizade com uma moça e ela me deu força assim, ela entrou comigo, com *ropa* dela. Ela *tava* com calça-short jeans, aí, ela entrou, a gente nadou junto, com *ropa* dela. Fiquei feliz.

**Repórter - Como é que aconteceu, como é que surgiu a ideia de ter um restaurante?**

**P1V6** - No começo, eu tava morando num apartamento que não tava com wifi pra falá com minha família na Síria.

A gente tava colocando crédito no celular, acaba crédito e fica alguns dias sem wifi no celular, sem internet, por causa não tem wifi em casa. Aí, falei com minha vizinha, aí, minha vizinha dividiu comigo e eu pago pra ela dinheiro e ela não aceita, ela não pega dinheiro.

Aí, ela não tava aceitando. Eu falei pra ele: “vou fazê comida pra eles pra agradecer.

Aí, fiz comida, fiz kibe, esfiha, fiz algumas coisa de comida árabe e ela chegou, ela, a irmã dela e sobrinho dela e **tava** muita comida. Aí, ela falou pra mim... eu falei pra ela: “pode leva pra casa

porque muita coisa pra mim. Aí, ela falô: “não, vamo vendê no prédio”. Aí, ela colocou no grupo, no whatsapp no prédio e vendeu tudo na hora.

**Repórter - E você nunca imaginou em ter um restaurante na vida?**

**PIV6** - Nunca, até agora eu fico pensando o que eu passei e não acredito que assim ... foi difícil, mas pra mim, agora que eu olho pra trás: “que tão simples fui”, mas no momento eu fico assim de chorar.

Eu não posso ficar assim pensando muito e ficando assim, tipo, triste, porque passou um tempo, um três anos atrás, fiquei, fiquei muito triste, peguei uma doença, doença de crohn no intestino e fiquei com muito sofrimento. Ninguém falou que tem tratamento, não tem nada. Que meu corpo mesmo que ele fez essa doença. Sofri muito. Qualquer coisa que eu como aí passo mal.

*Debois*, que eu passei nessa tempo, fiquei mais ou menos um ano, agora não fico mais triste, cada coisa me faz triste eu não quero.

Todos os médicos falou pra mim: “você tem que chorá, tem que fazê, tem que saí no lugar. Eu não tava sabendo. Eu fico assim, triste mesmo.

Agora eu não consigo, cada coisa me faz eu triste e brava, largo, não quero saber, eu saio, deixa, bloqueia.

**Repórter - Você pensa em voltar pra Síria?**

**PIV6** - Penso por saudade, pra mim í lá visita como está agora, mas pra morá não vai dá mais não.

**Repórter - Você quer ficar aqui no Brasil?**

**PIV6** - Quero, porque meus filhos brasileiros. Eu já tenho amigos, trabalho, minha casa. Já aprendi algumas coisas de cultura de vocês. Já estou seguindo bem. Não consigo voltar pra lá. Volta visita , tudo bem, mas pra morá lá, não vou consegui, meus filhos não vai aguentá lá também. Lá falta muita coisa, por mínimo, aqui tem água e luz, lá não tem nem água nem luz. A gente não vai consegui ficar.

**Repórter - O que é o Brasil pra você hoje?**

**P1V6** - Meu segundo país, gosto muito.

**Repórter - E hoje, quais são os planos e sonhos da P1V6?**

**P1V6** - Hoje... eu tem que abrir muitos lugares do meu nome, da comida e quero assim, *compra* uma casa e *compra* minha carro, pra mim, meu nome e assim, faz uma vida igual vida de vocês mulheres brasileiras. Pra mim, vocês um exemplo também, que vocês está forte, vocês tá conseguindo, não depende de ninguém. Eu antes dependi tudo, do meu marido, da minha família, eu queria também igual vocês. Espero que eu consigo.

- **Transcrição reportagem em vídeo 7:**

**P1V7** - Eu antes da guerra vi no tv, a guerra no *otro* país, chama palestina.

Sim, eu assisto a guerra lá, o que acontecia, mas agora eu assisto a Síria, a guerra lá.

**P2V7** - Na Síria, na cidade ou na rua que você tá morando, todos conhecem os outros.

Aqui talvez, *brédio* do lado você não conhece que a pessoa lá, não tem comunicação, não tem nada. Cada pessoa sozinho. Acho que na Síria é um *poco* mais social.

**P1V7** - Meu nome é P1V7 e eu tem treze anos.

**P2V7** - Meu nome é P2V7, eu tenho vinte e um ano.

**P1V7** - Nós estamos na Síria, saímos por causa da guerra e nós vamos *pro* Líbano e ficamos lá dois anos e depois saímos para o Brasil, mas antes de vim aqui nós estamos lá, Barra do Garças.

## **O idioma**

**P2V7** - Mais uma coisa que nos ajuda é programa da telefone de traduzir.

**P1V7** - Tem um projeto que se chama “sementes árabes” é ... tem uma professora que ajuda nós com a língua, e... se tem tarefa, se tem uma coisa que não entendemos ela explica pra nós.

## **Trabalho**

**P1V7** - Eu quero estudar, estudar porque o meu sonho é ser médica.

**P2V7** - Eu também quero termina escola, eu foi pra universidade. Eu gosto fazer engenharia.

## **Religião**

**P1V7** - É que os meninos, eles vão toda sexta-feira pra a mesquita, mas as mulheres, eles rezam em casa.

**P2V7** - tem também o mês Ramadã, fica mês de jejum.

**P1V7** - O Ramadã é ... ele é pra sentir como as pessoas que não comem, não tem nada pra comer, pra sentir como eles sentem. É que você quando toma café de manhã cinco horas da manhã e fica sem comer até cinco, seis horas de noite.

## **Cultura**

**P1V7** - Quando eu vim aqui, todo mundo me perguntou porque eu uso o lenço, porque eu coloco e eu falo: “é por causa da minha religião, eu tenho que colocar”.

Quando eu fui lá, eu foi com o lenço e com a roupa, todo mundo olha pra mim: “como ela vai *nada* assim”

**P1V7** - Tem *non* todas as comidas árabes tem aqui. E fica senti, sentindo, saudade das frutas: “ai, eu quero comer”.

**P2V7** - Tem algumas frutas aqui no Brasil, mas não tem na Síria. Por exemplo, damasco tem bastante na Síria, fruta damasco, tem tâmara.